

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CAMPUS CIDADE DE GOIÁS  
CURSO DE DIREITO

NÁDIA ALVES PINHEIRO

**A CASA WARAT ENQUANTO UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA  
EMANCIPATÓRIA**

Cidade de Goiás  
2013

NÁDIA ALVES PINHEIRO

**A CASA WARAT ENQUANTO UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA  
EMANCIPATÓRIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Direito na Universidade Federal de Goiás – *Campus* Cidade de Goiás, sob a orientação do professor Dr. Eduardo Gonçalves Rocha.

Cidade de Goiás

2013

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

PINHEIRO, Nádía Alves.

A Casa Warat enquanto uma experiência pedagógica emancipatória. Nádía Alves Pinheiro – 2013.

73 f.

Orientação: Professor Dr. Eduardo Gonçalves Rocha  
Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Direito, Campus Cidade de Goiás, 2013.

Bibliografia.

1. Educação Jurídica. 2. Sensibilidade. 3. Arte. 4. Criatividade. I  
Título.

**NÁDIA ALVES PINHEIRO**

**A CASA WARAT ENQUANTO UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA  
EMANCIPATÓRIA**

Monografia Jurídica apresentada como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Direito da Universidade Federal de Goiás – Campus Cidade de Goiás, defendida e apresentada no dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013, pela Banca Examinadora constituída pelos/as professores/as:

\_\_\_\_\_  
*Professor Dr. Eduardo Gonçalves Rocha (orientador)* Nota: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
*Professor (membro)* Nota: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
*Professor (membro)* Nota: \_\_\_\_\_

Média: \_\_\_\_\_

Cidade de Goiás, \_\_\_\_ de dezembro de 2013.

Dedico este trabalho a Luis Alberto Warat (in memoriam), pessoa de fogo louco<sup>1</sup>, que conseguiu incendiar e inspirar outras tantas. Que através da Casa Warat me fez compreender e vivenciar um Direito para além do formalismo, que trouxe a Arte e o sonho de volta à minha vida e despertou em mim a vontade de ser uma profissional mais sensível e uma pessoa melhor.

---

1 Ver conto "O mundo", de Eduardo Galeano, contido no Livro dos Abraços.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos espíritos de luz, que me protegem e me guiam a cada passo.

À minha mãe e ao meu pai, por todo o amor, afeto e colo, por me permitirem escolher e por apoiarem minhas escolhas, sempre confiando e acreditando em mim. Que compreenderam minha ausência durante esse período de dedicação ao trabalho, e que torcem todos os dias pelo meu sucesso.

Ao meu avô Antônio (*in memoriam*), pelo amor de pai e pela dedicação dispensados a mim. Que sonhava me ver formada, e que de onde estiver está tendo essa alegria. Ao avô Luiz (*in memoriam*), avó Maria (*in memoriam*) e avó Aparecida, por todo o afeto e amor que só avós sabem dar.

Aos meus irmãos João Vitor, Lívia e Maria Clara, pela confiança, olhares carinhosos e sorrisos sinceros, que melhoram qualquer dia ruim.

À minha madrinha, padrinho, tios, tias, primos e primas, por se fazerem tão presentes em minha vida, me proporcionando momentos repletos de alegria e de afeto.

Ao Paulo, companheiro de vida e de sonhos, “coorientador”, amigo e namorado, pela paciência e amor de sempre, pela cumplicidade em todo esse processo, por me segurar em cada crise, pelas palavras de confiança, por acreditar tanto em mim e na minha capacidade de realização e pelos sorrisos que estão por vir.

À Priscylla, grande amiga, por se fazer sempre tão presente, companheira, cheia de amor, atenção, preocupação e carinho. E por ser “colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia.”<sup>2</sup>

À Tuanny, minha marida, companheira e amiga, pelas alegrias e pela cumplicidade de um lar compartilhado. Pelos abraços, sorrisos e momentos afetuosos proporcionados durante esses anos, e por todos os que ainda virão.

À Fanny, pela leveza e liberdade inspiradoras, e pelo carinho sem fim.

À Polliana e à Jéssica, amigas de tantos anos, que mesmo distantes se fazem presentes, e mesmo em caminhos e rotinas diferentes, fazem questão de me lembrar que continuam por perto.

Aos amigos e amigas que se tornaram minha família durante esses cinco anos em Goiás. Em especial à Aline, Iuri, Pedro e Thays – os quais levarei pra sempre –,

---

<sup>2</sup> Trecho do poema “Saber Viver”, de Cora Coralina.

por fazerem minha vida mais colorida e feliz, e por me ajudarem a suportar as dificuldades enfrentadas durante essa caminhada.

Ao Campus Cidade de Goiás, tão aconchegante e cheio de coisas pra ensinar, onde amadureci e me formei para além da graduação, como pessoa. Agradeço também aos professores e professoras, por terem escolhido ensinar, e pela paciência e compreensão sempre dispensadas.

Ao Centro Acadêmico XI de Maio e aos companheiros e companheiras que estiveram presentes durante as duas gestões das quais participei, experiência que tanto me fez crescer como pessoa e proporcionou uma vivência ímpar da Universidade.

Ao Coletivo Feminista GENI e a todas as companheiras, em especial às amigas Jordana e Emília, que me fazem acreditar todos os dias que não estou sozinha, que nossa luta vale a pena e que somos mais fortes a cada dia.

Ao PET/CCG, em nome da professora/tutora Maria Meire, que me proporcionou compreender o outro, e me permitiu uma vivência sensível para além da Universidade.

À Casa Warat, e a todas as pessoas que acreditam nesse projeto e que se permitem uma reconstrução diária, voltada para a humanização e sensibilização do direito e das práticas cotidianas.

Por fim, agradeço ao professor Dr. Eduardo, meu orientador e amigo, pela confiança, atenção, compromisso e dedicação dispensados a esse trabalho, e por me proporcionar a experiência incrível que foi a Casa Warat Goiás.

"Que nos une?"

"Construir un mundo en donde cada uno es un encuentro con los otros".

(Luis Alberto Warat)

## RESUMO

O presente trabalho surge da vivência e da experiência proporcionadas pelo projeto Casa Warat Goiás, que a partir de uma proposta lúdica e carnavalizada, apresenta meios alternativos para se pensar e repensar o ensino jurídico e suas formas de atuação. No desenvolvimento do trabalho pretende-se uma resposta ao seguinte problema: se/como a Casa Warat contribui para uma experiência pedagógica emancipatória. Através de uma análise teórica a respeito dos modelos tradicionais de ensino, buscou-se demonstrar, no primeiro capítulo, suas falhas e a necessidade de um novo olhar, voltado para a sensibilização de professores e alunos e para a construção de um ensino crítico e humano. Ainda no sentido de demonstrar a importância da Casa Warat para esse processo, no segundo capítulo, faz-se necessária uma abordagem narrativa e poética acerca dos momentos proporcionados pela Casa, a fim de demonstrar a contribuição para esse novo olhar sobre o ensino. Por fim, o capítulo três traz uma análise crítica acerca da experiência, demonstrando os limites e as possibilidades do projeto, através de uma análise dos pontos positivos e negativos, e se este consegue de fato contribuir para a reformulação que se pretende fazer no ensino e na prática jurídicos.

**Palavras-chave:** Educação jurídica. Sensibilidade. Arte. Criatividade.

## **ABSTRACT**

This paper emerges from the living and the experience provided by the Casa Warat Goiás project, which from a playful and carnivalized proposal, shows alternative ways to think and rethink the legal education and its ways of performing. Through the development of the paper, an answer to the following issue is proposed: if/how the Casa Warat contributes to an emancipatory pedagogical experience. Through a theoretical analysis of the traditional models of education, we sought to demonstrate, in the first chapter, its failures and the need of a new perspective, turned to the sensibilization of professors and students and to the building of a critical, human education. Towards showing the importance of Casa Warat to this process, in the second chapter, a narrative and poetical approach of the moments provided by Casa Warat is needed, to demonstrate its contribution to this new perspective of education. Lastly, chapters three brings a critical analysis about the experience, showing its limits and possibilities, through an analysis of the positives and negatives, and if it can, indeed, contribute to the intended reformulation of legal education and practices.

**Key-Words:** Legal education. Sensibility. Art. Emancipation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 A NECESSIDADE DE SE REPENSAR O ENSINO JURÍDICO TRADICIONAL.....</b>	<b>15</b>
1.1 O ENSINO JURÍDICO E SUAS DEFICIÊNCIAS.....	15
1.2 A CASA WARAT ENQUANDO UM MODO ALTERNATIVO DE PENSAR O DIREITO.....	21
1.3 CASA WARAT, ARTE E EDUCAÇÃO.....	26
<b>2 A EXPERIÊNCIA DA CASA WARAT GOIÁS.....</b>	<b>28</b>
2.1 UM PROJETO QUE NASCEU NO MORRO DO MACACO MOLHADO.....	28
2.2 A ESTRUTURAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA CASA WARAT GOIÁS.....	35
2.3 UM MAR DE FOGUEIRINHAS.....	42
<b>3 LIMITES E POSSIBILIDADES: OS IMPACTOS E A CONTRIBUIÇÃO DA CASA WARAT GOIÁS PARA UM ENSINO E PRÁTICA SENSÍVEIS.....</b>	<b>45</b>
3.1 A PODA DA CRIATIVIDADE E A NECESSIDADE DE SUA RECUPERAÇÃO.....	45
3.2 UM OLHAR VOLTADO PARA A CRIATIVIDADE E SENSIBILIDADE.....	49
3.3 OS MOMENTOS DE IMERSÃO E A POSSIBILIDADE DE RETOMADA DA CRIATIVIDADE.....	53
3.4 LIMITES: OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA CASA WARAT GOIÁS...	60
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO 1</b> (Entrevista com Aline Gomes Alves).....	67
<b>ANEXO 2</b> (Entrevista com Paulo Dante Neto).....	69
<b>ANEXO 3</b> (Entrevista com Thays Carvalho Marques).....	73

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge da necessidade pessoal de análise e reconstrução diárias, que devem ser vistas como fundamentais para o processo de amadurecimento, tanto de ideias, quanto do modo de se viver. Nasce da vontade de compartilhar algumas inquietações e vivências, proporcionadas pelo projeto que me fez acreditar em um Direito mais humano e sensível, e que despertou em mim a necessidade de pensar criticamente esse Direito: a Casa Warat Goiás.

Faz-se necessário, porém, ressaltar a importância dos projetos de pesquisa e extensão, que somados ao ensino, dão a base necessária para a formação discente. Através da pesquisa e da extensão, é permitido ao aluno sair da sala de aula, e procurar meios alternativos de aprendizado, que vão incitá-lo ao questionamento, à crítica e permitir-lhe experiências para além da Universidade.

Nesse sentido surgiu o projeto Casa Warat, como forma alternativa de se pensar e dizer o Direito, tanto no ensino quanto na prática. Junto desse projeto, surgiram também as incertezas, tão necessárias para o crescimento, que permitiram sair do lugar de conforto e abriram horizontes para além do instituído e do tido como certo e inquestionável.

A escolha do tema do presente trabalho, se deu logo após a consolidação do projeto, e assim que se percebeu a importância que o mesmo teria para minha formação e vida. Se deu devido ao encantamento e à paixão despertadas desde o início, ao reconhecimento das mudanças que poderiam ser proporcionadas, e devido à vontade de levar isso a mais pessoas.

A metodologia utilizada na construção do estudo, partiu de uma pesquisa bibliográfica (livros, artigos e trabalhos acadêmicos) e documental (entrevistas, textos e poemas, escritos pelos membros da Casa Warat), além de pesquisas científicas que tratam sobre educação. Dessa forma, tentou-se garantir de modo claro um entendimento íntegro acerca do tema escolhido.

Através de uma análise crítica do ensino jurídico tradicional, baseada principalmente nas teorias de Paulo Freire e Luis Alberto Warat<sup>3</sup>, tentou-se

---

3 Em entrevista realizada em 2010, Warat diz: “Eu não tenho e nunca tive interesse em produzir uma teoria. Meu trabalho de elaboração cartográfica não é uma teoria”. Apesar disso, utilizo esse

demonstrar, no primeiro capítulo, as deficiências e a necessidade de reformulação desse modelo bancário de ensino. Além disso, a necessidade de se pensar alternativas para se inserir a arte, a criatividade e a sensibilidade no centro da pedagogia como um todo, e do ensino jurídico.

Existe, para a maioria dos professores, uma dificuldade em se estabelecer dentro de sala de aula ideias e modos alternativos de se abordar as diferentes temáticas trazidas por estes. Abandonar o modelo de ensino vertical, bancário e vazio de crítica que é imposto nas escolas e Universidades requer, antes de tudo, o reconhecimento pelo professor, da autonomia e subjetividade de seus alunos. Além disso, deve o docente incentivar constantemente o exercício da criticidade, e reconhecer o valor das emoções e da afetividade, que são inerentes ao ser humano (FREIRE, 1996).

Partindo desse entendimento, surge o segundo capítulo do trabalho, com a necessidade de se fazer um recorte poético e narrativo dos momentos proporcionados pela Casa Warat Goiás. Durante essa narrativa, procurou-se demonstrar a vivência sensível e lúdica trazidas pelo projeto, e através de relatos retirados do *blog*<sup>4</sup> percebeu-se a importância desses momentos para cada uma das pessoas envolvidas, e o encantamento pela busca da sensibilidade e da criatividade.

No terceiro capítulo, procurou-se responder ao questionamento base do presente trabalho: se/como a Casa Warat contribuiu para uma experiência pedagógica emancipatória. Assim, é de suma importância uma análise crítica acerca do projeto, percebendo seus limites e possibilidades, e perpassando a teoria apresentada no primeiro capítulo, relacionada às experiências.

Sabe-se que a criatividade é pouco ou nada explorada em sala de aula, e essa falta é ainda maior no ensino superior, e em cursos tradicionais, como é o caso do Direito. O excesso de formalismo e dogmatismo nos priva de uma visão criativa e sensível, e nos torna cada vez mais frios e distantes de nós mesmos e do outro, de seus problemas e de suas necessidades.

Projetos como a Casa Warat, que traz, a partir da arte e do lúdico, a possibilidade de se enxergar um Direito para além do formalismo, possibilitam uma visão mais humana e sensível acerca do mundo e um contato mais próximo e

---

termo com fins pedagógicos e explicativos.

4 [www.casawaratgoias.blogspot.com](http://www.casawaratgoias.blogspot.com)

afetuoso com o outro. Além disso, há uma abertura para a liberdade, que desperta nos indivíduos uma facilidade para a expressão do sentimento e do poético.

Dessa forma, o presente trabalho deseja apresentar uma alternativa para esse modelo de ensino que castra e que não dispensa atenção necessária à criatividade, à arte e à sensibilidade. Através de uma proposta lúdica, a Casa Warat resgata essa criatividade e faz com que o indivíduo assuma um papel crítico perante o ensino que lhe é apresentado, e o permite questionar e repensar esse ensino e seu papel perante a sociedade na qual está inserido.

## 1. A NECESSIDADE DE SE REPENSAR O ENSINO JURÍDICO TRADICIONAL

A castração é sempre um excesso de saber que nos afasta da sabedoria. A certeza e a completude são as duas formas mais perversas da castração: um condicionamento profundo, penetrante, sutil e inconsciente imposto pela sociedade para mantê-lo dominado. Você foi castrado, porque foi roubado, encoberto, condicionado de todas as formas possíveis. A sociedade, os políticos e os sacerdotes de todos os tipos imagináveis fecharam todas as portas que levam a você mesmo. Sair da castração é abrir essas portas (WARAT, 2004, p.66).

A castração, antes de mais nada, é o corte, a poda de um desejo, o vazio, que nos consome e nos leva a pensá-la como uma falta. Porém, Warat nos coloca diante do lado ativo da castração, que, muito mais que o corte (lado passivo) é o preenchimento diário dos nossos sentidos e desejos, por algo que supostamente tomará o lugar da nossa liberdade (WARAT, 2004, p.63). Nesse sentido, o presente capítulo mostrará esse processo de castração e seus efeitos no ensino jurídico e nos indivíduos, as deficiências do modelo tradicional de ensino, que refletem também na prática, e como um ensino crítico e uma prática pautada na sensibilidade podem contribuir para o conhecimento criativo e humanizador, pautado na ternura.

### 1.1 O ENSINO JURÍDICO E SUAS DEFICIÊNCIAS

O processo que o autor denomina castração acontece de forma naturalizada, sendo decorrente da cultura do imobilismo, onde somos levados desde a infância a não questionar o que nos é imposto e, mais que isso, não sentir tal necessidade de confronto e crítica ao instituído. Tudo aquilo que nos limita, que nos impede de enxergar de outra maneira um mesmo objeto, e de entrar em contato com nossa subjetividade e compreender nossos sentidos, nos castra e nos faz refém da culpa e da estereotipação, e assim, escondemos tão profundamente nossos desejos que acabamos os perdendo de vista (WARAT, 2004).

A castração configura uma espécie de condicionamento vinculado ao discurso: o sujeito castrado assume uma condição de existência pautada em palavras vazias e sua mente é abarrotada de pensamentos, que o impedem de viver

a realidade e o faz fugir da experiência com a vida, sendo impedido, assim, de ouvir o próprio coração (WARAT, 2004). Tem-se diante disso que o saber que castra é aquele que constitui um sistema fechado, um sistema que não admite indagações críticas e desconstruções, e muito menos o contato com a sensibilidade e criatividade do sujeito. Trata-se de um sistema fundado sob verdades monofônicas e inquestionáveis.

Os tradicionais modelos de ensino do direito parecem encontrar-se dentro da lógica desse sistema sob duas perspectivas que, embora distintas, permanecem vinculadas e interdependentes: a primeira diz respeito a um vício de metodologia e a segunda a uma visão distorcida dos conteúdos que se pretende ministrar (LYRA FILHO, 1980).

Podemos observar que a educação jurídica apresenta determinadas deficiências com relação às práticas pedagógicas. Os tradicionais modelos de ensino – desprovidos de visão crítica e acomodados em discursos ditos inquestionáveis – nos permitem enxergar essas insuficiências através de situações fáticas, em que os discursos, muitas vezes absolutos, deixam de contemplar a subjetividade inerente a todo sujeito. Tal modelo, nos coloca diante do que Warat chama de senso comum teórico dos juristas, onde o ensino do direito se baseia na transmissão de verdades que são por nós consumidas e transmitidas posteriormente, como algo absoluto (WARAT, 1979).

Nas entrelinhas dos discursos absolutos e inquestionáveis se enxerga muito mais a negativa do(a) educando(a) como um ente capaz de realizar, ativamente, mudanças sociais, do que uma real preocupação com a pedagogia e com o(a) próprio(a) aluno(a), que acaba acorrentado por concepções preestabelecidas, que o distanciam da realidade social. Tais concepções acabam por alienar e fazer com que estes indivíduos não consigam pensar criticamente, mas apenas reproduzir o discurso engessado que está dado. Nesse sentido, salienta Warat (1994, p.20):

Em face do discurso da lei, os juristas desenvolvem práticas interpretativas que forçam o silêncio sobre suas condições políticas, facilitando respostas gravemente patológicas (esquizofrenia e outros sintomas) e escandalosos desejos instituídos de alienar, excluir e omitir. Uma intenção de mostrar um estado de certeza, sem possibilidades de dúvida ou questionamento.

Além de discursos inflexíveis e engessados, estamos, ainda, diante dos modelos sociais estabelecidos, nos quais aceitamos as relações de hierarquias sem sequer questioná-las ou percebê-las como algo potencialmente negativo (WARAT, 2004). Somos sempre colocados hierarquicamente inferiores ou superiores a certa pessoa de forma que o poder se faz presente, seja para nos tornar oprimidos, seja para nos tornar opressores. Geralmente, os educandos figuram no polo dos oprimidos, incapazes de alcançar intelectualmente o professor, que, nessa relação, ocupa um papel de ser o possuidor de saberes inquestionáveis. Aliás, está aí um dos problemas dessas ideias monofônicas<sup>5</sup> que fundamentam o discurso jurídico: ao reproduzi-las, tem-se uma sensação de detenção da verdade absoluta e inquestionável, o que perpetua não só uma fala de poder, mas a própria relação hierárquica estabelecida.

No ensino, temos a imagem do professor como fundamental, como sendo aquele responsável por incitar essa criatividade e a criticidade do aluno, por lhe mostrar que outras visões e verdades existem, além daquelas já impostas. Porém, raramente esse comportamento se mostra, e temos a imagem do professor que apenas transfere conhecimento e enche os educandos de conteúdos já prontos e inquestionáveis, abrindo mão do debate crítico fundamental ao crescimento (FREIRE, 1987, p. 36).

Paulo Freire nos apresenta o que chama de ensino bancário, modelo em que o professor é hierarquicamente superior ao aluno, uma vez que é o detentor do conhecimento, mas um conhecimento vazio de conteúdo crítico e distante da realidade em que deveria se inserir. Nessa concepção, temos o educador como aquele que detém o saber, e cabe a ele transmitir aquilo aos educandos, que nada sabem. Porém, por incrível que pareça, quanto mais recebem os depósitos do educador, menos desenvolvem a consciência crítica de que necessitam, pois tais conhecimentos lhes são repassados de maneira desinteressada e mecânica (FREIRE, 1987).

Segundo a concepção de Paulo Freire do ensino bancário, num primeiro momento o educador adquire um conjunto de conhecimentos e saberes e acredita

---

<sup>5</sup> Entende-se por monofônico o discurso de “uma só voz”, ou seja, um discurso construído com verdades absolutas, que não está aberto à críticas ou sugestões, que não admite uma pluralidade de sujeitos e ideias.

ter a função de simplesmente passá-los adiante e não reconstruí-los, uma vez que constituem verdades inquestionáveis, anteriores a ele próprio. Essa ideia leva ao segundo momento da relação, em que o educador, desconsiderando os saberes e os conhecimentos trazidos pelos educandos, sua subjetividade e vivência, e não os reconhecendo enquanto sujeitos constitutivos de um processo pedagógico irá, de forma vertical, depositar nos educandos esse conhecimento vazio de crítica, monofônico, inquestionável e preestabelecido. Nesse caso, não existe uma troca de conhecimentos, o aprendizado de ambas as partes, mas somente o recebimento e arquivamento de conceitos prontos. Como critica Freire (1996, p. 23):

[...] É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo, ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

A ausência de uma relação entre um conjunto teórico e a efetivação prática a partir da subjetividade do indivíduo e do conjunto de variáveis que é a realidade social, faz com que esse processo educacional se torne vazio, se transformando em uma forma de castração: a poda de um desejo, da criatividade, em detrimento de um conjunto de ideias e ideais preestabelecidos e não passíveis de criação, polifonia ou crítica de qualquer forma (WARAT, 2004). Já na academia, o estudante é colocado nesse universo, onde terá contato com o demasiado formalismo existente no espaço jurídico, que será utilizado como forma de manutenção e transferência de poder.

O excessivo formalismo jurídico é um problema recorrente no âmbito do direito. Desde a academia até o momento da prática, onde se pode observar a utilização do linguajar técnico jurídico como forma de estabelecer relações de poder, e a ideia do juiz enquanto mero aplicador da letra da lei, entre outras ficções da ciência jurídica. A ideia desta aplicação indistinta e literal da legislação ainda se faz presente, assim como a necessidade de um jurista frio e distante: o outro se torna “cliente”, o problema se torna “caso”, a complexidade toda que os envolve se traduz em dados e a subjetividade dos sujeitos envolvidos na questão é negligenciada.

Uma prática jurídica desprovida de sensibilidade acarreta uma falsa sensação de superioridade do jurista com relação à situação concreta. Ao adotar essa posição é fácil negar a subjetividade do outro, encarando-o não mais como um sujeito, como outro ser humano, mas sim como apenas mais uma peça do jogo em questão.

Mais do que isso, cabe falar na transformação dos sujeitos em coisas, objetos destinados ao consumo cuja subjetividade fora alienada em prol de uma docilização (FOUCAULT, 1987) do corpo e do intelecto, que permitirá disciplinar e controlar os indivíduos. Segundo Foucault (1987, p. 195):

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo.

Parece que essa pretensão de adestramento é um problema que se faz recorrente desde a modernidade. Em sua interpretação pós-moderna, os sujeitos estão inseridos em uma sociedade mercadológica e consumista. As pessoas precisam o tempo todo de novas roupas, novos equipamentos eletrônicos, novos laços de amizade; e tudo isso, daqui a pouco, não servirá mais, e precisarão de outros novos. Esse círculo vicioso não para, deixando visível, assim, a necessidade que temos de estar sempre nos adequando e consumindo, para que não sejamos colocados à margem dessa sociedade líquida.

Além do consumismo material, que nos assombra diariamente e faz com que busquemos sempre o que não temos, as relações interpessoais também são afetadas por essa constante mutação. Começamos a procurar no outro não só um companheiro/a com o qual queremos compartilhar a vida, mas também procuramos o prazer e conforto que podem oferecer devido à sua condição monetária. Procuramos companheiros que nos ajudem a sempre consumir, e, mais que isso, que consumam conosco tudo o que a sociedade tem de novo para oferecer: passamos a ser objetos de consumo e vemos o outro da mesma forma (BAUMAN, 2004).

Daí a negação da subjetividade, daí a coisificação do indivíduo, que aceita tal situação de bom grado e permite que seja consumido por seus semelhantes. Assim,

vemos claramente desaparecer o indivíduo dotado de subjetividade e entrar em seu lugar o objeto de consumo, aquele que perde sua individualidade e valores ligados ao ser humano e passa a ser só mais um que precisa incessantemente consumir e ser consumido.

Nessa realidade pós-moderna, o não consumo significa dizer que apresentam algum defeito ou inadequação, já que não agem de acordo com o esperado por essa sociedade líquida. Por essa razão, viram dejetos, refugos não absorvidos pela maquinaria social, e devem ser descartados, lançados à margem para que deixem de poluir os jardins e clareiras da sociedade (BAUMAN, 2005). A regra é clara: as pessoas que não se adaptarem ao modelo de consumo exigido, não agregam nada à sociedade e não têm utilidade para a mesma.

Essa lógica se estende à formação dos laços afetivos interpessoais e os desconstrói, reconstruindo-os como interação mercadológica e consumista. Em um contexto social onde a efemeridade é a característica marcante, há o favorecimento do produto pronto para o consumo e dos prazeres passageiros, que não impliquem uma construção em longo prazo. Isso significa dizer que os laços são meramente decorativos, e que se desfazem tão logo o decida um dos polos<sup>6</sup> (BAUMAN, 2004). Os laços são cada vez mais frágeis, isso induz as pessoas a não se arriscarem, a se manterem na superficialidade.

Em um contexto de relações afetivas mercadológicas e efêmeras, a sensibilidade perde espaço e se constitui como um desafio. Esses laços fantasiosos e efêmeros não contribuem para a construção de um pensar e agir mais sensíveis, ao contrário: funcionam como ferramenta de perversão das relações sensíveis e sua transformação em mercadorias desprovidas de qualidade, que podem ser descartadas tão logo deixem de ser interessantes para o consumo.

A ideia de práticas jurídicas sensíveis surge em uma perspectiva crítica de enfrentamento ao *status quo* do direito, de forma a resistir à rigidez resultante de uma lógica ilusória instituída que se baseia na negação da subjetividade. A ternura é elemento constitutivo desse direito sensível, buscando levar a uma reflexão crítica quanto à necessidade da criação de laços afetivos. Esse direito pautado pela ternura

---

<sup>6</sup> Quando Bauman fala sobre a fragilidade dos relacionamentos na modernidade e da fragilidade dos laços afetivos, não diz isso apenas de forma negativa. Por tais laços serem frágeis têm-se uma maior necessidade de serem cultivados, o que faz com que as pessoas tenham maior cuidado com o outro e construam melhor o relacionamento entre si.

possibilitará novas perspectivas que permitirão maior entendimento de questões sociais problemáticas (RESTREPO, 2000). A prática jurídica dotada de criticidade e de ideias como subjetividade, ternura e sensibilidade torna-se, assim, indispensável, uma vez que se aproxima mais da complexa realidade humana. Digo isso, pelo fato de podermos, através desses fatores, entender melhor a condição e a realidade do outro e compreender melhor cada situação em que ele é colocado, agindo com mais respeito e humanidade em relação ao indivíduo e a seus problemas.

## 1.2 A CASA WARAT ENQUANTO MODO ALTERNATIVO DE PENSAR O DIREITO

Esse modo de pensar criticamente e agir com maior sensibilidade no que diz respeito ao outro, nos leva a uma prática do direito onde não somos o único sujeito envolvido, e onde nossa vontade também não é única e inquestionável. Nos leva ao lugar do outro, à sua vida e seu momento de necessidade, onde devemos nos inserir de maneira sutil e humanizada. E só através de um ensino voltado para a sensibilidade e para a compreensão do indivíduo seremos capazes de sair da caixa individualista em que vivemos e partir para uma prática onde haja o reconhecimento do outro como pessoa singular e dotada de sentimentos.

É por meio da observação desse universo colocado, onde as teorias e os discursos se distanciam da prática, que a Casa Warat surge como forma de enfrentamento, de modo subversivo e transgressor, possibilitando que os indivíduos interpretem criticamente o contexto no qual estão inseridos, reconhecendo a pluralidade de subjetividades dos sujeitos envolvidos nesse processo. Segundo Eduardo Gonçalves Rocha e Marcia Cristina de Fazio “Transgredir não é colocar-se de fora, transgredir é corroer por dentro, é riscar lentamente os pilares estruturantes até que sua reparação não mais seja possível”. (ROCHA; FAZIO, 2011, p.14).

Esse modo de pensar pautado no sensível depende de como o conhecimento é transmitido e construído na formação dos juristas. É necessário fugir da pedagogia conservadora, e aqui não se fala apenas da pedagogia jurídica, mas em âmbito geral, que formará indivíduos desprovidos de capacidade de pensar o novo, de forma que somente conseguirão reproduzir o discurso que já está posto, o senso comum teórico, sem nenhuma crítica ao mesmo (GONÇALVES, 2007).

É justamente esse caráter crítico que constitui a proposta da Casa Warat Goiás. Entendendo essa lógica monofônica que atravessa a educação jurídica, envolvendo não só a educação no espaço acadêmico, mas também os espaços de atuação e construção do Direito, entendido aqui como difuso nas relações sociais. A Casa propõe uma visão cética e uma interpretação crítica de verdades preestabelecidas, buscando a sua reconstrução com base em uma perspectiva polifônica e pluralista, de forma a possibilitar uma abertura da ciência jurídica às subjetividades inerentes aos sujeitos.

Propõem-se a reivindicação da sensibilidade no espaço da ciência jurídica, ainda refém de uma herança histórica positivista que, em diversos momentos, se mostra incompatível com um ensino – e uma práxis – do Direito que reconheça sua inserção social e histórica. A formação de juristas mais sensíveis pressupõe que as relações com o Direito – de ensino, de aprendizagem, de prática – contribuam a um processo contínuo e inacabável de educação do ser, ao qual Freire denomina emancipação.

Para a Casa o que impulsiona o processo de educação é o que está no núcleo dos homens e das mulheres, a própria ideia de inconclusão desses homens e mulheres (FREIRE, 1985). Porém, de muito pouco adianta o reconhecimento dessa ideia se ela não estiver aliada a um ímpeto criativo que, por sê-lo, é também criador e transformador.

Reivindicar a criatividade – a possibilidade transformadora de questionar o ensino do Direito – é essencial à própria formação de juristas capazes de uma atuação sensível e crítica. Só através desse constante questionamento conseguimos sair do lugar de conforto que nos encontramos em busca de outras verdades que agreguem diferentes conhecimentos. Afinal, a educação é uma resposta a esse inacabamento do qual padece o ser humano, e o processo pedagógico, mais do que isso, se trata de uma permanente busca de si mesmo (FREIRE, 1985).

O abandono da visão bancária em detrimento do estabelecimento de diálogos também é característica essencial da visão pedagógica proposta pela Casa Warat. Essa ideia de diálogo configura uma "matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, somente o diálogo comunica" (FREIRE, 1985, p.68). O processo contrário, uma pedagogia

antidialógica, se caracteriza por uma relação de verticalidade entre educador e educandos, em que aquele é um sujeito, e este, mero objeto.

Trata-se, portanto, de um processo em cujo horizonte está a liberdade. Libertar-se, tornar-se independente, pressupõe a plenitude da própria subjetividade dos sujeitos, e o exercício de suas identidades individuais e coletivas. Reconhecer essa necessidade na prática pedagógica do Direito não é nada mais do que torná-lo mais humano e sensível, crítico às verdades inquestionáveis e propenso a construção de novas verdades, polifônicas, questionáveis e que se permitam adequar às mudanças que constituem o próprio processo sócio-histórico.

É nessa linha que a presente pesquisa se propõe questionar se/como a experiência da Casa Warat Goiás contribui para a construção desse ensino jurídico crítico, constitutivo de um interminável processo emancipatório.

Propõe-se que o processo pedagógico não se limite somente à abordagem crítica do objeto de estudo (no caso da presente pesquisa, o ensino do direito), embora essa abordagem faça parte dele. Mais do que interpretar criticamente o conhecimento construído pelos sujeitos desse processo educacional, é agir de forma que garanta novas possibilidades de atuação dentro do contexto social. É compreender que esse processo educacional no qual se insere a Casa Warat Goiás se preocupa não somente com a formação dos sujeitos enquanto juristas com capacidade crítica. Além disso, preocupa-se com a formação de pessoas, seres humanos historicamente localizados, socialmente inseridos, dotados de subjetividade, sensíveis à realidade que os cercam e que se constituem nas suas relações com os outros. E é essa consciência que permite com que atuem de forma a modificar os espaços nos quais se inserem.

Diante dessa compreensão, emerge a ideia da ternura no que diz respeito às práticas do direito. É fundamental a qualquer jurista esse tato no momento de interagir com o outro, assim como o é levar em consideração as suas particularidades. Dessa forma, buscar-se-á uma justiça do amor, e não do ódio, através da negação da vingança como fator constitutivo do conflito e de sua substituição pela ideia de pacificação social (CARVALHO, 2006).

Um mito a ser superado é o de que os juristas devem agir como autômatos do judiciário. Aliado à ideia de que o direito é um fim em si mesmo, esse mito expressa

que os juristas devem tomar suas decisões baseados exclusivamente na legislação vigente. Pensar assim é negligenciar o fato de que o direito faz parte de um panorama maior. Devemos ter consciência de nossa subjetividade e da capacidade que temos de nos emocionar diante de certas situações. A negação disso é abrir mão de uma das características fundamentais do ser humano. Mais do que isso, é deixar de lado todo um complexo emotivo capaz de criações e reflexões profundas que não poderiam ser codificadas em afirmações científicas objetivas e verdadeiras.

Importante ressaltar que não se pretende a instauração de uma nova ordem jurídica ou a destruição do aparato vigente, mas a sua utilização de maneira socialmente adequável, pautado por ações razoavelmente sensíveis. O sensível surge como ideia de adequação das práticas a uma sociedade plural, dotada de indivíduos complexos.

No estágio inicial da prática jurídica, são várias as promessas de igualdade entre as pessoas, de liberdade e de segurança (GONGALVES, 2007). Ao longo de sua jornada, os juristas vão sendo gradativamente despidos de sua subjetividade e de sua sensibilidade. Essa desconstrução da emoção se pauta em uma falsa noção de que, para uma prática correta do direito, exigem-se do jurista, características como a imparcialidade, a frieza e a análise puramente racional dos fatos. Dessa forma, características como a sensibilidade e a ternura são atribuídas à fraqueza e à imaturidade.

Pensar em práticas que impliquem reconhecimento do outro enquanto sujeito, na aceitação da subjetividade e na incorporação do sensível, implica pensar em uma ambiciosa readequação do aparato jurídico vigente (GONÇALVES, 2007). Faz-se necessário o contato com o lúdico, com uma visão carnalizada do pensamento jurídico durante o ensino do direito, de forma a possibilitar essa reconstrução sensível. Essa nova abordagem resultará em uma proposta do direito verdadeiramente constitutiva de um processo emancipatório, em detrimento da proposta vigente de um direito enquanto fim em si mesmo e como ferramenta de manutenção do poder. Mais do que isso, as novas práticas deverão se consolidar de forma concreta o suficiente para evitar que, em algum momento histórico futuro, se restaure o modelo antigo.

A Casa Warat, nesse contexto, busca contribuir com o processo de

emancipação, trazendo ao indivíduo a possibilidade de se libertar através desse pensamento crítico, indo contra a pedagogia docilizadora e castradora que se faz presente no ensino jurídico. Se utiliza de uma prática educacional voltada para o lúdico, ousada e criativa, girando em torno da sensibilidade, que possibilita a compreensão e o respeito com a subjetividade de cada indivíduo. Trazendo a ideia da sensibilidade como norteadora do ensino jurídico pretende desconstruir estes mitos e preparar juristas críticos e conscientes de seu papel político enquanto sujeitos historicamente localizados. Um ensino sensível implicará uma prática voltada à manutenção do bem-estar social em detrimento de uma prática tradicional, mantenedora do status quo. Como bem salientam Eduardo Rocha e Marcia Cristina de Fazio (2011, p. 17):

A proposta da Casa Warat, todavia, diferencia-se daquelas anteriormente apresentadas, pois ela não está centrada no Direito, na produção normativa ou na formulação e aplicação das leis, mas propõe-se a trabalhar com a subjetividade do jurista.

Através da Arte, e aqui falo de um conceito libertador de Arte, utilizada para questionar os pressupostos dogmáticos, deixando de lado a perspectiva normatizadora do direito, a Casa Warat se transforma em um objeto transformador, de mudança individual e social, propondo um processo carnalizado (WARAT, 2004), despido de verdades perfeitas e imutáveis. Livros, filmes, debates... construções e desconstruções que são possíveis a partir do pensamento crítico e do entendimento do outro, partindo da ideia de que as práticas pedagógicas atualmente colocadas são criticamente vazias e sem espaço para a pluralidade que se faz presente em nossa sociedade.

Um pensamento que propõe a reformulação do ensino jurídico, voltado a uma inserção dos indivíduos em seu próprio eu, para que assim, possa também conhecer o e lidar com o outro, de forma afável e subjetiva. A partir da carnalização dentro da sala de aula, o aluno se abrirá para o sensível, para o novo; deixando assim de lado a forma castradora de ensinamentos instituídos, que de nada aguçam a criticidade. Para Warat (2004, p.119):

Na didática da sedução, busca-se a realização coletiva de um

imaginário carnavalizado, onde todos possam despertar para o saber do acasalamento da política com o prazer, da subversão com a alegria, das verdades com a poesia e finalmente da democracia com a polifonia das significações.

Temos assim a carnavalização como um processo de construção do eu, que possibilita o conhecimento individual para que assim se possa partir para o conhecimento e compressão do outro. Através da carnavalização a subjetividade se faz presente, sendo uma ferramenta indispensável à ruptura com certos conceitos que nos aprisionam na caixa fechada que é o direito, nos dando assim um novo olhar sobre nós mesmos e sobre o mundo e os indivíduos que nos cercam.

### 1.3) CASA WARAT, ARTE E EDUCAÇÃO

Dentro desse processo de carnavalização, a Arte adquire um papel fundamental. Através dela conseguimos encontrar o prazer e a liberdade dentro desse amontoado de ideias inquestionáveis e impalpáveis que nos cercam, e passamos a enxergar para além da caixa. Enquanto uma prática essencialmente livre e criativa, nos permite fazer uma viagem para dentro de nós mesmos. Dessa forma, somos levados a um contato íntimo com nossos sentidos, possibilitando uma abertura desprovida de limitações e castrações. A arte é o real compromisso com o processo de emancipação no qual se insere os sujeitos humanos, possibilitando uma sensibilização necessária ao compromisso com a mudança social.

Essa emancipação está ligada ao conhecimento de si mesmo e apresenta-se como um suporte na construção da vida dos indivíduos, como maneira de compreender o sentido dela. É necessário que se caminhe em busca desse entendimento e a partir dele, as possibilidades surgirão para a conquista e construção da sua autonomia, de maneira a possibilitar pensamentos diferentes dos que pregam as instituições nas quais se inserem os sujeitos (GONÇALVES, 2007).

Aqui figura o ensino jurídico sensível, que ajudará esse indivíduo a traçar seu caminho rumo ao conhecimento de sua subjetividade. O ensino que critica a docilização e as práticas modernas de consumo, possibilitando uma maior compreensão que busca resgatar o indivíduo, trazendo-o de volta ao encontro da ternura, para que ocorram assim, mudanças verdadeiras e intensas dentro de si,

possibilitando-se enxergar com sensibilidade os que estão à sua volta, provocando, dessa forma, uma reconstrução molecular do regime vigente.

Através dessa reconstrução molecular, podemos questionar e romper com o instituído, de forma individualizada e singular. Tal ideia implica mudanças individuais: um indivíduo que se reconstrua sensivelmente tocará, invariavelmente, algumas daquelas pessoas com as quais interage simplesmente por ser um ente social. Estes, por sua vez, reproduzirão o feito, de forma que a mudança irá se espalhar naturalmente e, assim, se instituirá socialmente de forma sólida e concreta o suficiente para confrontar, desconstruir e reconstruir o regime vigente.

Partindo disso, é notória a importância do projeto Casa Warat Goiás para a construção de sujeitos conscientes do seu papel nas esferas jurídica e social. Aquele que trata o outro como um ser igual, enxergando-o de forma humana, estabelecendo relações dialógicas e atento à sua realidade. Como bem coloca Eduardo Rocha e Marcia Cristina de Fazio (2011, p. 15)

[...] o Movimento Casa Warat não enfatiza apenas o conhecer. Para nós o cognitivo também é uma dimensão vivencial, ou seja, indissociável da forma como se estabelece as relações com o mundo. Dessa forma, não admitimos transformar o outro em objeto, estabelecer-lhes padrões normalizadores e consumir suas subjetividades moldadas.

No projeto Casa Warat, temos o lúdico entendido como uma forma diferente de se pensar a pedagogia e o ensino jurídico, como sendo fundamental na formação do educando no que diz respeito à sensibilização deste, que, a partir de filmes, saraus e discussões acerca de variados temas, se tornam mais sensíveis à uma realidade até então desconhecida ou pouco conhecida por ele. Criando espaços polifônicos, de diversidade e interação, possibilitamos a construção da subjetividade e da criatividade, que fará com que nos tornemos seres autônomos e sensíveis. É certo que “[...] o ato lúdico, como o poético, estimula a afetividade permitindo uma grande apologia da diferença. É o momento de recuperação dos desejos.” (WARAT, 2004, p. 155). Além dessa recuperação dos desejos, que são podados durante toda a academia, as práticas jurídicas sensíveis possibilitam uma reflexão crítica mais profunda das situações concretas, através da aceitação da subjetividade do outro enquanto sujeito plural dotado de complexidade.

## 2. A EXPERIÊNCIA DA CASA WARAT GOIÁS

A fim de demonstrar a importância do projeto na educação jurídica, e além disso, na formação do discente, faz-se necessário analisarmos cada passo dado até agora. Desde sua criação, em 2010, a Casa Warat tem contribuído fundamentalmente para uma formação crítica e sensível das pessoas envolvidas: através de projetos de cinema, literatura e saraus possibilita o contato com a arte e com a subjetividade, que a todo tempo nos é tirada ao longo da graduação. Esse processo de formação crítica e amadurecimento trazido pela Casa se dá, além do âmbito da academia, na prática, onde teremos o contato com o outro e com sua história.

No decorrer deste capítulo, através de relatos sobre a experiência e a vivência permitidas pela Casa, demonstra-se os caminhos percorridos desde o início até os dias de hoje. O surgimento da ideia, as primeiras reuniões, cada um dos projetos e seu desenvolvimento, saraus cheios de poesia e sensibilidade, isto é, toda a história da Casa Warat Goiás e o impacto e influência que a mesma teve/tem sobre seus membros. Faz-se necessária uma abordagem narrativa e poética, pelo fato de não haver como falar sobre a Casa de outra forma, já que a mesma sempre inspirou poesia e arte, nos permitindo, assim, sentir e compreender o mundo.

### 2.1 UM PROJETO QUE NASCEU NO MORRO DO MACACO MOLHADO

Todo mundo nasce artista  
Depois vem a repressão  
Não faz arte, diz a tia  
Vê se deixa de invenção

Todo mundo nasce artista  
Depois vem a castração  
E o artista que há em nós?  
Vai do quarto pro porão

Todo mundo nasce artista  
Depois vem a podaço  
E a vida fica triste,  
Sem arte, sem emoção<sup>7</sup>  
(MAGALHÃES, 2011)

---

7 Trecho da música “Todo mundo nasce artista”, de Aíla Magalhães. Album “trelêlê, de 2011.

Assim como todo mundo, nasci artista. Enquanto criança era fácil continuar sendo, até porque a maioria das crianças tem um mundo particular, cheio de brincadeiras, cores, desenhos e sonhos. A arte é uma constante, e todo mundo em volta admira, acha bonito e incentiva, a mãe se diz orgulhosa do/a filho/a criativo/a, compra lápis coloridos, guarda cada desenho, coloca nas aulas de balé, no teatro. Mas só enquanto se é criança.

Conforme crescemos nosso mundo e nossas atitudes se modificam, e dizem que faz parte do crescimento abandonar a arte e a criatividade que tanto eram importantes na infância. Quanto mais idade, mais responsabilidades e preocupações com o futuro, e menos incentivo para se fazer aquilo que nos dá prazer, que nos impulsiona e nos desliga da realidade, nem que seja por um momento.

Desde muito pequena o teatro me encanta, tenho verdadeiro fascínio por essa arte que inventa realidades, que modifica o indivíduo a todo tempo, que permite o contato com o corpo e sensações únicas de sensibilidade, que consegue fazer rir, chorar, chorar de rir e se apaixonar. O teatro sempre esteve presente na minha vida – nas peças improvisadas de criança, nas peças da escola, e mais tarde, em cursos de pequena duração – e quando cresci passei a pensar nele como profissão, profissão aquela que me daria prazer, que me deixaria apaixonada todos os dias.

No ensino médio eu continuava em contato com o teatro, porém, cada vez mais a pressão das pessoas e do vestibular crescia, os cursos de maior “status” eram dados como única opção e as artes perdiam a importância. Acabei, quase no final do ensino médio, escolhendo o curso de direito – mais por pressão do que por vontade – mesmo sem saber o universo que me seria proporcionado e mesmo sem ter certeza de que aquilo me daria prazer e me faria feliz.

Ao entrar no curso de direito, o sonho do teatro acabou ficando guardado, e o mundo jurídico, até então desconhecido, começou a aparecer em forma de leis, artigos decorados, palavras complicadas, formalidade. “É difícil não abandonar o curso no primeiro ano, mas depois disso passa”, me diziam.

Apesar da falta de paixão pelo direito, a Cidade de Goiás, sempre acolhedora e apaixonante, me fez continuar. E em uma de suas noites embriagantes no Morro

do Macaco Molhado<sup>8</sup>, entre uma dança e outra, uma conversa surgiu, e um professor recém-chegado na faculdade, chamado Eduardo, anunciava a ideia de incorporar a arte no direito.

Sugeria a criação de um projeto inovador, onde cinema, literatura e saraus nos fariam entrar em contato com a subjetividade, o que nos possibilitaria enxergar o direito para além do dogmatismo, e muito mais como espaço de compreensão do outro e mudança social. Um projeto que nascera em Buenos Aires, mas que se fazia necessário em outros lugares, em outras Universidades, entre elas, a UFG/CCG.

Nesse momento senti como se pudesse tirar meu sonho da gaveta, ou pelo menos parte dele. Senti que mesmo estando dentro desse universo formal e dogmático que é o direito, estava surgindo ali uma chance de voltar à infância e colorir o mundo, de ter novamente a arte na minha vida. Senti. E quando se sente, não se quer mais viver da mesma forma, se quer mudar a realidade em volta e viver do novo.

Era isso, e a cada palavra dita pelo professor novato meus olhos brilhavam, e surgia, ali no morro, a vontade de criar esse projeto, e mais que isso, a vontade de viver a universidade de forma inovadora, criativa e crítica. E a partir dessa vontade, continuamos a cultivar a ideia, a trazer as pessoas pra perto, e finalmente marcamos a primeira reunião para a discussão do projeto Casa Warat Goiás.

Tinha tudo para ser um dia comum: afazeres da faculdade, preguiça, aula a noite. Porém, havia um compromisso que mudaria meus dias na Universidade e minha percepção, que me faria compreender o direito para muito além da sala de aula, das leis e doutrinas. Essa primeira reunião para a discussão do projeto seria fundamental para o andamento posterior do mesmo dentro do Campus Goiás.

Alunos(as) e professores(as) demonstraram interesse pelo projeto, e a quantidade de pessoas presente na reunião era animadora. Começamos a discutir a ideia inicial da Casa Warat, em que consistiriam os projetos ligados a ela e como cada um contribuiria para o pensamento crítico do direito, como cada um nos faria enxergar o curso de forma diferente. A Casa teria, inicialmente, quatro frentes: cinema, literatura, grupo de estudos e saraus. Criaríamos também um *blog*, “um espaço livre para a expressão e publicização dos pensamentos, atitudes e

---

8 Lugar único e surreal, onde o forró é a música que reina, e os corpos simplesmente se encontram, e dançam livres até o dia amanhecer.

sentimentos de todos membros da Casa Warat Cidade de Goiás, amigos e simpatizantes.”<sup>9</sup>

A partir daí, fizemos uma divisão dos projetos, cada dois estudantes ficariam diretamente responsáveis por cada um, e os demais ajudariam e participariam. Nesse momento percebi que nós, alunos, seríamos fundamentais para o andamento do projeto e que a intenção era, desde o início, a busca pela autonomia. Existia ali a liberdade para dar vida a cada frente ligada à Casa Warat do nosso jeito, da forma como sentiríamos prazer e vontade de continuar, e, a partir daí, agregar mais pessoas que também buscavam por essa liberdade e criatividade ora perdidas nos bancos da academia.

Depois dessa reunião, o trabalho começou, e os responsáveis por cada frente deveriam dar nome e escrever um projeto para cadastrarmos na Universidade. Fiquei responsável pelos saraus, em conjunto com uma amiga, e montando o projeto percebemos a importância do mesmo, e como todos eles estariam interligados, nos possibilitando o contato com a arte e com nós mesmos. Percebemos a importância do lúdico e da criatividade dentro do direito, e da resignificação do espaço acadêmico a partir disso.

Projetos prontos, foram apresentados aos outros membros da Casa: Cinefilia (projeto de cinema), Carnavália (projeto de literatura), Cabaré Intelectual (grupo de estudos) e Mentis Livres (saraus). Cada um tinha a sua importância, seu significado, e juntos, nos proporcionariam momentos de conhecimento diferente daqueles da sala de aula: nos colocariam em contato com leituras que não eram comuns dentro de sala, com filmes e debates importantes, com o lúdico e a poesia, que também não adentravam à sala de aula.

Comecei a enxergar na Casa Warat um refúgio, um contato com aquele sonho das artes, do teatro. Escolhi coordenar a frente de sarau por causa do que representava, pela possibilidade de voltar a sonhar, a sentir, e de trazer de volta a sensibilidade que estava perdida em algum lugar dentro de mim. Senti que através do Mentis Livres (nome que não foi escolhido atoa) eu poderia me reencontrar, me refazer enquanto pessoa e enquanto estudante de direito e futura jurista, e mais que isso, poderia me libertar do pensamento normatizador que era imposto na academia.

---

9 Descrição do blog da Casa Warat Goiás: [www.casawaratgoias.blogspot.com](http://www.casawaratgoias.blogspot.com)

Através da arte que liberta, que nos faz entrar em contato com nosso corpo e com nossa subjetividade, a Casa Warat trazia um novo modo de enxergar o direito e a prática dele. Nos trazia a chance de “carnavalizar, recuperar nosso corpo, nossa capacidade de expressão e de comunicação (...)” (ROCHA; FAZIO, 2011, p.4).

E assim, com grande vontade e expectativas, começamos a nos reunir em atividades das três frentes, no campus. Os saraus aconteceriam uma vez por mês, e seria o espaço onde todas as outras frentes se encontrariam, possibilitando um debate muito rico em comum, com uma temática ligada aos filmes e livros já vistos, poesias e liberdade.

Começamos com o projeto de cinema (Cinefilia), que aconteceria todas às quintas-feiras após a aula, no campus. Os filmes seriam escolhidos pelos coordenadores do projeto, e após cada exibição haveria um debate sobre os mesmos. A partir do Cinefilia poderíamos conhecer e compreender temáticas políticas e sociais, que abordadas nos filmes, seriam vistos de forma mais clara e tranquila do que se fossem dentro de sala de aula, possibilitando assim, um debate rico e produtivo, já que existiriam diversas interpretações e opiniões sobre o mesmo assunto, agregando muito mais conhecimento sobre ele.

Toda semana a expectativa pelo filme era grande e não costumávamos nos decepcionar, já que cada filme traziam experiência e debate únicos, debates esses que as vezes não cabiam só em uma noite. Através do Cinefilia percebemos a importância de espaços alternativos de ensino, onde o ambiente descontraído e livre de formalidades nos dá liberdade para opinar e demonstrar entendimento sobre as temáticas discutidas.

Além do Cinefilia, que com filmes como “Clube da Luta”, “Laranja Mecânica”, “A Onda”, “Anjos do Sol” dentre outros, nos fazia mergulhar livremente em temáticas sociais e políticas, a frente de literatura também se iniciava, e escolhemos como primeira leitura o livro Histórias de Cronópios e Famas, de Julio Cortázar, que seria também o tema do primeiro sarau. A partir da convergência das outras frentes, poderíamos construir no sarau uma discussão ainda mais rica, além da liberdade que seria proporcionada pelo lúdico.

A expectativa para o primeiro sarau era gigante, e cada pessoa esperava e preparava algo diferente, mas, na verdade, ninguém sabia ao certo o que esperar. A

única coisa que tínhamos certeza, além do horário e local (19h, na Bodega Fantástica), era que no espaço do sarau teríamos liberdade para nos expressar da forma mais prazerosa possível, sem as amarras que costumavam existir dentro da sala de aula e do espaço da universidade. Teríamos liberdade para sermos, e para sentirmos nós mesmos e os outros.

Com o Sarau se aproximando, a ansiedade aumentava, e no *blog* começávamos a demonstrar a vontade da chegada desse momento. Textos demonstravam a expectativa e a expressão de liberdade já se manifestando, e deixavam claro os sentimentos que aguçavam e pediam para sair. Estávamos preparados para sentir, para perceber a arte e o lúdico como expressão de nós mesmos e para nos entregar ao momento.

Importante dizer que nesse primeiro sarau conhecemos Marta Gama, ou Martinha, como era por nós chamada. Uma pessoa apaixonada por Warat e pela Casa Warat, que trazia consigo uma carga enorme de sensibilidade e conhecimento, e que muito contribuiu nesse e em muitos outros momentos. Martinha se fez presente, nos envolveu em um curso maravilhoso de Direito e Arte, nos abraçou e fez parte da história da nossa Casa Warat Goiás.

Finalmente dia e horário chegaram, e na Bodega Fantástica nos encontramos, nos abraçamos, nos cheiramos. O sarau foi cheio de sentimentos do início ao fim: a poesia, a música, a discussão acerca do tema, a criatividade e sensibilidade de cada um, tudo isso fez com que aquele momento acontecesse de forma tão natural, que conseguimos nos sentir em casa e na casa um dos outros.

Nos descobrimos enquanto cronópios e famas, e a criatividade invadiu o ambiente e os que ali estavam. Cada um foi naturalmente sugerindo algumas dinâmicas: dançamos músicas silenciosas, que só existiam dentro de nós, ouvimos o barulho de água, sentimos o cheiro uns dos outros, fizemos massagens e fomos massageados. O Sarau aguçou todos os nossos sentidos e conseguimos perceber ali a importância de sentir um ao outro.

Os relatos a seguir demonstram a sensação de algumas pessoas que ali estavam, e pelas linhas cheias de emoção e sentimentos, podemos ver o quanto o momento valeu a pena.

“Os sentimentos dançando LIVREMENTE por entre todos nós, que de tão envolvidos só sentíamos o barulho da água, os abraços mais quentes e profundos que vinham de todos os lados, os cheiros dos mais variados que não eram fabricados e que, talvez por isso, adentravam as narinas e conseguiam tocar o coração...”<sup>10</sup>

“...a música mais linda que eu já dancei; o vinho mais inebriante que eu já bebi; anjos doces me beijaram, me abraçaram de corpo inteiro; o pax de deus que vai se propagar pelo infinito.”<sup>11</sup>

“Inspirava poesia  
Abri o olhos  
Expirava poesia  
O mundo ficou tão pequeno...  
Transcendentalizei-me  
Minhas mãos ainda voam  
E tenho medo que algum dia meus pés voltem a tocar o chão...”<sup>12</sup>

A partir disso, o Sarau passou a ser nosso grande encontro do mês. Preparávamos textos, poemas, personagens, desenhos, e tudo o mais que nos permitia nos expressar. Após o primeiro sarau tive a sensação de estar novamente no meu lugar, em contato com a arte que tanto me fazia bem, em contato com os sentimentos e com a criatividade que foram tiradas de mim por um tempo. Pude perceber que mesmo estando em um espaço de formalidades e discursos prontos, o senso comum não tomaria conta de mim e eu não seria mais um pinguim no meio de tantos outros que apenas reproduziam esses discursos.

Mais do que inspiração, o primeiro sarau me trouxe a esperança que aos poucos estava perdendo, e me fez compreender que o espaço da academia poderia ser também um espaço transgressor, crítico e sensível. E percebi nesse momento que a Casa Warat veio para me fazer transgredir e ver as deficiências que o direito trazia consigo, e a partir daí tentar reconstruí-lo de forma mais humana. Como bem coloca Eduardo Rocha e Marcia Cristina de Fazio (2011, p.4):

Queremos atacar os principais pilares da construção contemporânea do conhecimento acadêmico-científico. Queremos subvertê-lo,

10 Trecho do texto “Primeira impressão”, escrito por mim. Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2010/04/impressoes.html>

11 Trecho do texto “Impressões”, de Fernanda Rezek. Disponível em: [http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2010/04/impressoes\\_18.html](http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2010/04/impressoes_18.html)

12 Trecho do poema “A primeira vez”, de Tuanny Rosa Stival. Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2010/04/primeira-vez.html>

colocá-lo em xeque, apresentar sua oculta narrativa desumanizadora, explorar suas contradições e, ao final, construir algo novo, sobre novas bases.

Dessa forma, a Casa Warat surgia na Universidade como sendo esse movimento transgressor, que trazia consigo a crítica ao que está posto e a proposta de humanização do direito. A cada encontro conseguíamos perceber mais isso, e as pessoas que se identificavam e que também procuravam esse outro lado do direito se achegavam, e se deixavam sentir. Outras, voltadas apenas ao dogmatismo e satisfeitas com a sala de aula, nos criticavam e nos chamavam de loucos, nos olhavam como se o que estivéssemos fazendo fosse em vão, como se fosse apenas uma diversão. Mal sabiam que a diversão é parte da vida, e deve também ser parte do direito, assim como a ternura, a sensibilidade e a poesia. Mal sabiam...

É fato que “o bando de loucos”, como passamos a ser chamados, estava incomodando e questionando esse ensino bancário desprovido de paixão. Questionamento esse que se fazia mais presente e necessário a cada discussão, a cada sarau que nos levava para um lugar desconhecido e prazeroso, e nos fazia sentir a vida pulsar. Ali no meio dos loucos, eu me sentia uma pessoa de sorte, por encontrar um sentido para o direito, e por saber que poderia fazer dele uma ferramenta de mudança, através da humanização tão necessária.

## 2.2 A ESTRUTURAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA CASA WARAT GOIÁS

O primeiro semestre de 2010 foi estruturante para a Casa Warat, as atividades aconteceram de forma intensa, realizamos discussões produtivas, saraus cheios de poesia e sensibilidade, estudamos um pedacinho de Warat, com uma parte do livro Literasofia, e descobrimos através de tudo isso um caminho alternativo para viver o direito. Como bem disse o professor Eduardo, esse primeiro semestre foi:

Viagem longa e incerta, mas com saldos positivos, na verdade, muitos resultados positivos. Aprendemos que é necessário estimular o nosso lado cronópio em um mundo demasiadamente fama, mas que também o lado fama tem uma grande importância. Há uma

tensão necessária, afinal, somos ordem, mas também somos caos. A Casa Warat Goiás trabalhou para que compreendêssemos um pouco desse caos interior. Trabalhou para que recusássemos a paz interior, ideal e inexistente. Somos bichos, somos animais, somos viscerais, mas não só, pois somos vida (guerra) e também morte (a calma do fim e do início).<sup>13</sup>

No mês de julho, aconteceria em Buenos Aires o IV Cinesofia, onde pessoas de diversos lugares, que se identificavam com as ideias de Warat e com o projeto Casa Warat, se reuniram em um encontro que fazia parte da construção de rede de Casas Warat. Tal evento se fazia importante, visto que dali poderiam surgir novas propostas para o projeto, e laços que se fariam mais fortes e sólidos.

Meio de impulso, resolvi aceitar o convite do professor Eduardo e ir também para Buenos Aires. A ideia de conhecer pessoalmente Warat, e de participar de um encontro tão importante e cheio de significado era simplesmente motivadora, já que me faria compreender melhor esse projeto que tanto havia me encantado e impulsionado. Conhecer a Casa Warat em sua nascente, e além disso, entrar em contato com outras pessoas que também tinham grande carinho por esse projeto, me enchia de vontade e de ansiedade.

Por alguns motivos pessoais, precisei adiar um pouco a viagem, e assim, acabei chegando em Buenos Aires no último dia do encontro, para minha tristeza. Perdi a oportunidade de conhecer algumas pessoas, perdi alguns momentos que aconteceram durante o encontro, porém, tive a oportunidade de conhecer aquele que tanto estava inspirando minha vida, mesmo sem saber. Mais que isso, tive a chance de ficar hospedada em sua casa, e de ter alguns momentos e algumas conversas que jamais pensaria que pudesse ter.

A viagem a Buenos Aires foi ao mesmo tempo encantadora e instigante, uma cidade cheia de cores, luzes, músicas e sorrisos diferentes; uma mesa de discussões cheia de questionamentos, aprendizado e sorrisos. Warat, apesar do frágil estado de saúde, se fazia sempre presente no debate, e falando conosco emportunhol, respondia tudo o que era questionado. Nos concedeu, inclusive, uma entrevista, que surgiu ali no meio da sala, entre um café e outro.

Eu me sentia pequena ali diante de Warat, Marta e Eduardo, e somente

---

13 Trecho do texto "Completa-se um ciclo", escrito por Eduardo Gonçalves Rocha. Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2010/07/completa-se-um-ciclo.html>

observava e capturava o que conseguia. Durante a entrevista, fiquei atenta, e ouvi tudo de forma a aprender o que estava sendo ali ensinado, de forma descontraída e ao mesmo tempo séria, como deveria ser. Ao me perguntarem se tinha alguma pergunta a fazer, me veio logo à cabeça a questão da imparcialidade do juiz, tema que me trazia conflito, já que não concordava com o que ouvia na sala de aula. Warat respondeu de forma sensível, e me fez entender que estava certa em duvidar dessa dita imparcialidade, que estava certa em questionar o direito e suas teorias já prontas e ditas inquestionáveis.

A entrevista ali realizada foi publicada mais tarde, na Revista *Captura Crítica*. Segue um trecho da mesma (WARAT, 2010):

**Captura Crítica: A sua tentativa de aproximação do Direito com Arte é muito antiga. Poderíamos dizer que desde a década de 80, quando você lança *A ciência jurídica e seus dois maridos* e *O manifesto do surrealismo jurídico*, realiza as *semanas de Cinesofia*, lança a revista *Cinesofia*, essa proposta tem sido construída. Atualmente, você tem trabalhado com as possibilidades de formação de juristas sensíveis através da experiência artística. Como essa relação interdisciplinar pode gerar esse espaço de sensibilidade no ambiente jurídico?**

Luis Alberto Warat: Falar da função da arte na descoberta da sensibilidade implica para mim sempre a procura ou a produção de um processo criativo. Pois, através do processo criativo, é possível conhecer e resignificar os meus devires e os devires do outro, é possível produzir revoluções moleculares e instigar a emergência de novas formas de compreensão do mundo. Meu grande problema e desafio é como estímulo a sensibilidade criativa ou como estímulo a sensibilidade através de um processo criativo.

Para desenvolver a sensibilidade é necessário que deixemos a arte atravessar nossos corpos, que vivamos intensamente a poesia, esse caminho foi apontado nas experiências vividas pelo grupo de pesquisa *Direito e Arte* da UnB, que eu coordenei durante os anos de 2005 a 2007, que radicalizou a minha proposta e aceitou o convite para livremente experimentar a arte. Com esse grupo inaugurei um espaço poético que nomeamos *Cabaret Macunaíma*. Um espaço poético e mágico.

Creio que através dessas experiências podemos nos reconstruir enquanto devires mais sensíveis, mais abertos ao outro. Tenho a impressão que o trabalho desse Grupo resultou na intensificação da aproximação do *Direito e Arte* e abriu um leque de possibilidades. Os *Cafés Filosóficos* que venho desenvolvendo desde então e as *Casas Warat* eu poderia dizer que fazem parte desse movimento. Aí eu vou citar as *Casas Warat* de Goiás e Santo Ângelo, programas de extensão onde os alunos são convidados a viver a experiência artística através da literatura, do cinema e dos saraus, que se parecem muito com os *Cabarets*. Acredito que é mais importante produzir a

sensibilidade através da arte. Eu fazendo arte produzo sensibilidade, isso é o que eu quero dizer.<sup>14</sup>

Posso dizer, com toda certeza, que os dias que passei em Buenos Aires foram de muito aprendizado, e mais, de consolidação das ideias que haviam me invadido recentemente. “Pude perceber o quanto a junção do Direito com a Arte se faz sólida e compreensível. Isso é algo que me faz bem, me faz sentir um calorzinho aqui dentro. Saber que daí parte uma vontade de repensar o Direito e de repensar os meus próprios pensamentos sobre o curso que escolhi fazer. Direito e Arte, sensibilidade... pra mim é como juntar o útil ao agradável.”<sup>15</sup>

Voltando de Buenos Aires, depois de tanta experiência acumulada e ideias consolidadas, a vontade de continuar com o projeto e tudo o que surgia a partir dele era muito maior. Eu e Eduardo voltamos com um ânimo a mais, com um fôlego para dar continuidade ao que acreditávamos, e logo que voltaram as aulas marcamos uma reunião com o grupo para fazermos um balanço do semestre que passou e propostas para o semestre decorrente.

Fomos à pizzaria Estação do Sabor, em uma noite fria de final de agosto – que se fazia ainda mais fria por causa do rio que ali perto passava –. A reunião foi cheia de opiniões, levantamos pontos positivos e negativos do semestre que passou, discutimos como seria o semestre que começava, e sentimos frio. O frio foi tanto que tomamos conta dos forros das mesas vazias, que serviram como cobertores, e depois disso a reunião seguiu tranquila. Decidimos que a Jordana faria uma ata literária da reunião, e o que segue é um trecho dessa ata, com algumas deliberações dessa reunião extraordinária:

“Em geral notou-se um balanço positivo do semestre decorrido. Existiram exceções. O que ficou claro foi o brilho no olhar dos Waratianos a cada fala. Encerrada a lavagem de roupas sujas do 1º (primeiro) semestre, passou-se, então, a discutir sobre as atividades a serem realizadas no 2º (segundo) semestre. A essa altura já havia sido pedida e devorada uma terceira pizza – de chocolate e morango e de nome Sensação. Decidiu-se que serão mantidas as quatro frentes já estabelecidas da Casa Warat – Grupo de estudos, Cinefilia, Sarau Mentis Livres e Carnavália – e ainda serão criadas duas

---

14 Para ler a entrevista completa, acesse: [http://www.ccj.ufsc.br/capturacriptica/wp-content/uploads/captura\\_criptica\\_-\\_n2v2\\_completo.pdf](http://www.ccj.ufsc.br/capturacriptica/wp-content/uploads/captura_criptica_-_n2v2_completo.pdf)

15 Trecho do texto “Impressões”, escrito por Nádia Pinheiro, sobre a viagem à Buenos Aires. Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2010/08/impressoes.html>

novas frentes (Retiro Filosófico e a Das Escritas). O Retiro Filosófico deverá acontecer na Chapada dos Veadeiros, e a segunda nova frente, (denominada temporariamente por mim como a Das Escritas) terá como finalidade a instigação dos membros ao ato da produção textual, em temas e formas livres – para que dessa forma lidem melhor com o ofício das letras. E como consequência, será também a frente responsável por agrupar todos os textos – e desenhos – produzidos.”<sup>16</sup>

Diante disso, seguimos em frente com a Casa, que cada vez mais fazia parte da nossa vida e nos tornava pessoas melhores. Pra mim, era como se meu aprendizado na universidade tivesse começado junto com o projeto, e a cada reunião e sarau isso se tornava mais certo, como se antes da sua criação não houvesse estímulo e paixão, como realmente não havia.

Em outubro de 2010 recebemos a notícia que nos encheu de motivação: fora aprovado um PET (Programa de Educação Tutorial) em nosso campus, o qual seria interdisciplinar, tendo como dois projetos base a Casa Warat Goiás e o Grupo de Gênero e Sexualidade (G-sex). Junto com o PET surgia também a oportunidade de agregar mais pessoas ao projeto, inclusive de outros cursos, já que seria um PET interdisciplinar, teríamos mais apoio da universidade, além de mais recursos, o que o tornaria mais sólido.

Houve um processo seletivo no final do ano, e, no primeiro semestre de 2011, começamos as atividades do PET/CCG. A professora Maria Meire, como nossa tutora, incentivava cada vez mais o projeto, e o Sarau passou a ser uma das atividades mais importantes do grupo. O primeiro semestre foi o período para conhecermos melhor o que era o PET, sua importância e credibilidade, e como tudo ali funcionava. Como éramos um grupo novo, precisávamos desse tempo para nos inteirar de vários assuntos que norteavam as discussões dos outros grupos, e que, a partir daquele momento, norteariam as nossas também.

O final de 2010, apesar da alegria trazida pelo PET, foi de tristeza e saudade. No dia 16 de dezembro, nosso mestre e inspirador da Casa Warat nos deixou, levando com ele um pouco de cada um de nós, e deixando conosco muitos sonhos, sorrisos e saudades. Só tínhamos a certeza de que era necessário continuar, e Warat estaria agora presente apenas nos pensamentos e no coração, nos dando

---

16 Trecho da “Ata Literária nº 1”, escrita por Jordana Ávila. Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2010/09/ata-literaria-n-1.html>

força pra não deixar nosso sonho morrer. Como bem disse a Jordana:

“A nossa missão, agora que você resolveu se descansar, é semear todo o seu legado. É criar novos legados. É tomar-te como exemplo e seguir...”<sup>17</sup>

E assim fizemos. O ano de 2011 seria fundamental e cheios de surpresa para o projeto Casa Warat Goiás, e a primeira delas surgiu ainda no primeiro semestre, em maio. Fomos convidados pela Associação Brasileira de Ensino do Direito (ABEDI) – Minas para ministrarmos uma oficina no I Congresso Regional Sudeste da ABEDI, cujo tema seria “Direito e Arte: a proposta da Casa Warat”. Nosso espírito nômade foi especialmente tocado, e com muita alegria eu, Eduardo, Paulo e Jordana tomamos uma van da Universidade e viajamos por 14 horas rumo à Montes Claros-MG.

Esse convite nos fez perceber que a Casa Warat ganhava reconhecimento, e que a partir dela, poderíamos discutir o ensino jurídico e a importância da arte dentro dos cursos de direito do Brasil. Essa era a segunda oficina da qual participávamos e levávamos a proposta da Casa Warat, a outra aconteceu no IX EGED (Encontro Goiano dos Estudantes de Direito), aqui mesmo na Cidade de Goiás, em novembro de 2010. Apesar disso, o nervosismo era maior, já que se tratava de uma oficina em outro estado, onde a Casa Warat Goiás transcenderia a cidade e o estado de Goiás, e compartilharíamos as experiências com pessoas totalmente desconhecidas.

Mesmo tomados por nervosismo e ansiedade, começamos a oficina, e fomos surpreendidos pela naturalidade em que o debate caminhava, e pelas diversas ideias que surgiam sem parar. Todos os momentos que preparamos para a oficina (apresentação de cada frente da Casa Warat, poemas, teatro) foram enriquecidos com intervenções que nos faziam aprender e enxergar além, e assim, esse encontro se tornou um grande momento de troca, como mostra o relato abaixo:

“Trocamos conhecimento, experiências... aprendemos e ensinamos, como ocorre nos Saraus! E esse aprendizado mútuo é o que gera tanta vontade de seguir em frente, de espalhar cada vez mais essa sementinha que vai crescendo aos poucos e atingindo lugares e

---

17 Trecho do texto “Ao que não conheci em corpo, mas vi em coração”. De Jordana Ribeiro de Ávila. Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2011/01/ao-que-nao-conheci-em-corpo-mas-vi-em.html>

peças inimagináveis. São em momentos como este que a Casa Warat Goiás vai se conhecendo e aprofundando em si mesma, para que assim, possa chegar perto de mais pessoas, levando a sensibilidade e usando esta para modificar vários conceitos formadores de opiniões.”<sup>18</sup>

Depois dessa oficina, que mais foi uma troca de conhecimento e experiência, voltamos renovados, com vontade de trabalhar mais e mais com esse projeto que tanto nos encanta e nos faz querer ser pessoas melhores, mais humanas e sensíveis. Voltamos com vontade de ter sempre essa sensibilidade em nossas vidas e de, principalmente, transmitir isso a mais pessoas a cada dia, através de atitudes mais humanas e afetuosas, que permitem o reconhecimento do outro enquanto um ser que possui sentimentos.

Além da oficina em Montes Claros, outro acontecimento que tivemos em 2011, foi o III Encontro Internacional da Casa Warat, que no mês de novembro aconteceria na nossa linda cidade de Goiás. Estariam reunidas pessoas de São Paulo, Brasília, Buenos Aires, Goiás, todas com o mesmo sentimento e vontade: discutir as ideias waratianas e os rumos do nosso projeto, além de trocarmos experiências e compartilharmos momentos lúdicos e carnavalizados, que sempre nos faziam tão bem.

O III Encontro Internacional foi repleto de momentos indescritíveis, discussões calorosas e esclarecedoras, além de um sarau cheio de sentimentos inexplicáveis, onde a criatividade, a paixão e o lúdico nos tomaram por inteiro, e conseguimos encontrar nossa sina. Mais do que descrever aqui os sentimentos proporcionados por esse encontro único que se fez tão mágico, deixo trechos de impressões de algumas pessoas que vivenciaram esse momento:

“Pude acreditar que é possível sim SENTIR e somente sentir, sem precisar necessariamente das palavras, e ser compreendida assim. Pintamos, dançamos, sentimos o chão com os pés descalços, nos tocamos de olhos fechados, sentimos frio e calor, nos refrescamos em uma cachoeira casamenteira, vimos a cidade de Goiás coberta de neve e de cronópios. (...) fortalecemos nossos vínculos e nos unimos. Porque o que nos une é essa vontade de ser sempre melhores e mais sensíveis ao outro, de ensinar e aprender, caminhar e acreditar.”<sup>19</sup>

18 Trecho do texto “A casa nômade do Warat: Montes Claros”. Escrito por Jordana Ávila e Nádia Pinheiro. Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2011/05/casa-nomade-do-warat-montes-claros.html>

19 Trecho do texto “Pintando Razão e Sensibilidade”. Escrito por Nádia Pinheiro. Disponível em:

“Pessoas...?  
 A poesia transbordava e  
 Ele estava presente  
 O céu cuspiu água  
 Sabor do não sabor  
 Os seres se despiam  
 em cena: a fantasia  
 encena a sina;”<sup>20</sup>

“Mas o que? O que diferenciou aquele momento de tantos outros? Aquelas pessoas de tantas outras? Aqueles três dias de outros dias? Acho que naqueles dias, construímos um imaginário coletivo marcado pela entrega à produção de relações humanas pautadas por algo a mais que o respeito. Deixamo-nos ser perpassados pelo outro.”<sup>21</sup>

### 2.3 UM MAR DE FOGUEIRINHAS

Até o final de 2011, a Casa Warat Goiás caminhou com ânimo invejável, e os projetos funcionaram de forma constante e produtiva, com exceção dos saraus, que deixaram de ser mensais e se tornaram bimestrais. Ainda assim, ocorriam de forma agradável e lúdica, sempre cheios de poesia e sensibilidade, nos afetando e nos motivando, para darmos continuidade a cada atividade.

Com o passar do tempo, a Casa Warat perdeu alguns de seus membros, as atividades se tornaram mais escassas e os saraus mais lúcidos. Não posso deixar de falar aqui sobre os problemas enfrentados por nós, poucos waratianos, que continuamos tentando dar continuidade ao projeto, mesmo não tendo mais o mesmo fôlego de antes. Problemas esses, que passaram a existir naturalmente, e que foram fazendo com que o projeto passasse a caminhar de forma lenta, para minha tristeza.

Com a integração da Casa Warat ao PET, algumas pessoas se afastaram, deixando de contribuir e de participar das atividades, outras tornaram o projeto um dever e passaram a condicionar sua participação ao PET. É certo que o Programa

---

<http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2011/11/pintando-razao-e-sensibilidade.html>

20 Poema “Pela fresta da janela azul”. Escrito por Raíssa Ávila. Disponível em:  
<http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2011/11/pela-fresta-da-janela-azul.html>

21 Trecho do texto “Intensidade”. Escrito por Eduardo Gonçalves Rocha. Disponível em:  
<http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2011/11/intensidade.html>

de Educação Tutorial veio para nos dar novo ânimo e maior credibilidade, para agregar mais pessoas e dar visibilidade ao projeto, porém, não soubemos como lidar com isso. Nesse período, o professor Eduardo também precisou se ausentar das atividades, por causa do doutorado, e nós estudantes não conseguimos manter o projeto e fazê-lo funcionar como antes.

Com isso surgiu uma preocupação insistente: a dificuldade em agregar mais pessoas ao projeto, e além disso, de passar adiante a organização das frentes. Começamos a pensar na importância disso, até porque as pessoas que estavam mais próximas à Casa Warat Goiás estavam perto de sair da Universidade, e o projeto correria o risco de acabar.

Tentamos algumas medidas para resolver o problema, como por exemplo uma oficina dentro do próprio PET, onde explicamos a ideia da Casa Warat e sua importância não só pro direito, mas também para os outros cursos. Nossa intenção com isso era integrar as próprias pessoas do PET, primeiramente, que ainda não participavam e não conheciam muito bem a ideia. Depois disso pensamos em ações dentro do campus, com estudantes de todos os períodos, porém acabaram não se concretizando.

Ainda em 2012 o cinefilia deu alguns suspiros dentro do PET, de forma diferente, com o intuito de agregar mais pessoas, porém com o tempo foi perdendo o fôlego e deixou de existir. Os saraus passaram a ser atividade fundamental, mas sem que percebêssemos ou que pudéssemos fazer algo, assumiram mais a forma de debate, e o lúdico e a arte ficaram em segundo plano.

Atualmente encontram-se ativas apenas duas frentes: o grupo de estudos – que o professor Eduardo fez questão de retomar nesse segundo semestre, em forma de núcleo livre – e o sarau, que mesmo com menos frequência e mais lúcido, ainda existe e às vezes dá um suspiro e nos faz suspirar. Hoje existem o que procuramos desde algum tempo atrás: pessoas interessadas em voltar ativamente com a Casa Warat, e mais, interessadas em fazer do projeto uma paixão, assim como aconteceu comigo. Penso que não chegou ao fim, e que não chegará enquanto existirem pessoas que enxergam o direito além da sala de aula, das leis e doutrinas, e que estejam dispostas e a construir mudanças.

Em mim e em muitas pessoas, a Casa Warat passou a ser aquela sementinha

que vive lá dentro, nos lembrando que vale a pena sonhar e agir de forma diferente dentro e fora da Universidade. Ainda vive dentro de mim a vontade de questionar sempre essa caixa fechada que é o direito, e de um dia conseguir abri-la, modificá-la e reconstruí-la. E sei que todos que puderam passar pela Casa Warat ainda tem dentro de si pelo menos um pouco dessa vontade e dessa necessidade de pensar de forma diferente do que nos é estabelecido, pois a Casa nos deixou esse legado de inconformismo.

Preciso citar, por fim, o texto do tão afetuoso Galeano, o qual gosto muito, e que me faz refletir sobre a vida e sobre as atitudes diárias que podemos tomar para sermos grandes fogueiras.

“— O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo..”<sup>22</sup>

Para mim, a Casa Warat Goiás é esse fogo louco, que incendeia a vida e dá novo sentido ao direito e a tudo que está à sua volta. É um projeto que me fez voltar a sonhar e acreditar que a mudança é possível, que um mundo sensível e mais humano é necessário e que só a partir disso poderemos compreender e ajudar o outro. A Casa Warat me proporcionou/proporciona uma reconstrução interior que não tem fim, e me fez/faz perceber a importância da arte no direito, dentro de nós e na vida, e que a partir dela podemos ser pessoas sensíveis, e transformar o mundo em um lugar mais colorido, justo e humano.

---

22 Trecho do texto “O mundo”, contido no “Livro dos Abraços”. De Eduardo Galeano.

### **3. LIMITES E POSSIBILIDADES: OS IMPACTOS E A CONTRIBUIÇÃO DA CASA WARAT GOIÁS PARA UM ENSINO E PRÁTICA SENSÍVEIS**

Diante do exposto até aqui, se faz necessário uma análise crítica acerca da experiência da Casa Warat Goiás, com base na teoria apresentada no primeiro capítulo. Esse momento busca questionar e compreender os limites e possibilidades do projeto, e além disso, se este consegue de fato cumprir com o propósito de contribuir de modo alternativo para um ensino e uma prática voltados para a crítica e a sensibilidade. Busca-se também, aqui, demonstrar os pontos positivos e negativos da experiência proporcionada pela Casa Warat Goiás, e se/como esta experiência pode ser vista de forma emancipadora.

Através de uma análise mais profunda e detalhada dos momentos que foram relatados no segundo capítulo, principalmente dos saruas, pode-se perceber se estes serviram ou não para desenvolver a criatividade e a sensibilidade dos envolvidos. Além disso, se desenvolvidas, quais habilidades foram exploradas e de que forma influenciaram na vida de cada um, dentro e fora da Universidade.

#### **3.1 A PODA DA CRIATIVIDADE E A NECESSIDADE DE SUA RECUPERAÇÃO**

A criatividade pode ser resumida na capacidade de criar algo novo<sup>23</sup>. Menos do que uma atividade isolada, a criatividade pressupõe um exercício contínuo e dialético de interpretações da realidade, de construções e desconstruções de ideias, conceitos e ações. Longe de ser uma exclusividade de quem se defina – ou seja definido – artista, a criatividade é parte constitutiva da existência, é o que permite se interprete o mundo e as relações que nele se estabelecem (MAY, 1982).

Partindo dessa ideia, cabe ressaltarmos a importância da criatividade em sala de aula, do ensino básico ao ensino superior, que refletirá também em nossas ações fora de sala. A educação voltada para o criativo faz com que tenhamos uma liberdade e um leque maior de expressão, faz com que alunos e professores se

---

23 Vale ressaltar que, na condição de autora desta pesquisa, reconheço a estranheza que possa ser gerada ao tentar conceituar resumidamente, a ideia de criatividade. Entretanto, o faço com fins pedagógicos, de forma a poder expor a argumentação que segue, e não como forma de reduzir uma ideia que, em sua essência, é justamente o que garante uma prática inovadora que nos propomos na Casa.

descubram a cada atividade e a cada projeto criativo, e se desenvolvam enquanto pessoas.

Como já foi dito no primeiro capítulo do presente trabalho, desde cedo somos limitados e colocados em caixinhas de esteriótipos, somos envolvidos em modelos que nos castram, e temos nossa criatividade reprimida, podada. Quando entramos na escola, e logo depois na Universidade, encontramos professores que em sua maioria também foram inseridos nesse sistema, e que não conseguem inovar em suas atividades dentro de sala de aula.

Percebendo a importância do processo criativo para a formação dos educandos, faz-se necessário que os professores recuperem sua criatividade, e que tenham vontade de desenvolvê-la em seus alunos. É preciso lembrar que a partir da criatividade nascem também as diversas formas de expressão, e daí surgem novas formas de ensinar, e maior vontade de aprender. Como bem coloca Albertina Mitjanz (2002, p.195):

Os professores que se destacam por seus níveis de criatividade em sua atividade profissional possuem uma maior sensibilidade para a inovação e a mudança, o que lhes permite perceber com maior clareza as possíveis expressões de criatividade de seus alunos em sala de aula, ser mais tolerantes com muitos comportamentos vinculados à expressão criativa e ter maior disposição para investir tempo e esforço em ações que estimulem o desenvolvimento da criatividade.

Acontece que, mesmo quando professores tomam consciência da importância da criatividade na educação, dentro e fora de sala de aula, se deparam com alguns fatores que dificultam esse processo e os impossibilitam de tentar uma nova abordagem. Somos levados a todo tempo a acreditar que o pensamento racional deve se sobrepôr ao criativo, e que no ensino, principalmente no superior, não há espaço para as artes ou para a livre expressão. Quando há esse espaço, geralmente não tem o devido valor, ou não é algo contínuo, como deveria ser.

Eunice Maria Lima de Alencar e Denise de Souza Fleith, em pesquisa realizada nesse sentido com professores do ensino superior, de instituições públicas e privadas, conseguiram identificar alguns fatores inibidores ao desenvolvimento da criatividade nos alunos. Como consta na tabela abaixo, “as barreiras mais apontadas pelos professores foram: alunos com dificuldades de aprendizagem em

sala de aula e desinteresse do aluno pelo conteúdo ministrado (apontadas por 68,9% e 49,1% dos professores).” (ALENCAR; FLEITH, 2010, p. 207)

Tabela 1: Barreiras Indicadas pelos Professores à Promoção de Condições Adequadas ao Desenvolvimento/Expressão da Criatividade do Aluno (Frequência e Porcentagem)

BARREIRAS	F	%
Alunos com dificuldades de aprendizagem em sala de aula	233	68,9
Desinteresse do aluno pelo conteúdo ministrado	166	49,1
Poucas oportunidades para discutir e trocar ideias com colegas de trabalho sobre estratégias instrucionais.	139	41,1
Elevado número de alunos em sala de aula.	136	40,2
Elevado número de disciplinas e outras atividades, limitando tempo de preparação para a prática docente.	121	35,8
Escassez de recursos materiais básicos, na instituição de ensino superior onde trabalha.	98	29,0
Baixo incentivo, por parte da direção do(s) curso(s) para inovar a prática docente.	81	24,0
Cobrança de aulas expositivas por parte dos alunos.	84	24,9
Dificuldade em ir além da exposição do conteúdo previsto na disciplina.	81	24,0
Desconhecimento de práticas pedagógicas que poderiam ser utilizadas para propiciar o desenvolvimento da criatividade dos alunos.	65	19,2
Presença de alunos indisciplinados que perturbam o trabalho docente.	74	21,9
Desconhecimento de textos (livros e/ou artigos) a respeito de como implementar a criatividade em sala de aula.	55	16,3
Extensão do programa da(s) disciplina(s) a ser cumprido no decorrer do semestre.	50	14,8
Inabilidade para variar as práticas pedagógicas em sala de aula.	35	10,4
Preferência por métodos tradicionais de ensino.	29	8,6
Conteúdo da(s) disciplina(s) pouco adequado para se trabalhar a criatividade do aluno.	25	7,4
Insegurança para testar novas práticas pedagógicas.	26	7,7
Inabilidade para lidar com alunos indisciplinados em sala de aula.	19	5,6
Falta de autonomia na forma de conduzir as atividades docentes.	19	5,6
Falta de entusiasmo pela atividade docente.	11	3,3

Diante desses dados, percebemos o tamanho da dificuldade a ser enfrentada pelos professores em parceria com seus alunos para se alcançar um lugar criativo e um espaço de expressão. Diante de tais dificuldades, cabe aos professores repensarem as estratégias utilizadas em sala, e reajustá-las de acordo com os problemas, tentando assim estabelecer condições propícias para o surgimento da criatividade. Wisdom (apud, ALENCAR; FLEITH, 2010, p.213) apresenta algumas sugestões:

[...] (b) ter situações de trabalho suficientemente variadas e diversas para possibilitar a todos os estudantes serem criativos; (c) permitir aos estudantes a liberdade para trabalhar de maneiras novas e interessantes; (d) desafiar os estudantes com trabalhos reais, exigentes e excitantes; (e) delinear avaliações que permitam respostas que não sejam estreitamente pré-determinadas [...]

Além desses e de outros fatores, não podemos deixar de falar também da importância dos projetos de extensão nesse processo criativo, e mais que isso, no desenvolvimento da sensibilidade no ensino superior. Estamos a todo tempo diante da racionalidade, e no curso de direito ainda nos é imposto o formalismo, que nos distancia do outro e tenta nos colocar em posição hierárquica superior. Através de projetos de extensão voltados para o sensível e para a descoberta de novos sentidos e habilidades, nos é permitido sair da caixa racional e formal e sentir o outro de forma humana.

A Casa Warat Goiás traz essa possibilidade, na medida em que coloca os indivíduos em contato com si mesmo e com sua criatividade e sensibilidade. A partir de projetos que trazem uma abordagem diferente da que é dada em sala de aula, que permitem a entrega e a liberdade de expressão, que incentiva a novidade e o criativo, alunos e professores se descobrem e descobrem um lugar diferente dentro e fora da universidade. Nas palavras de Freire (1996, p.25):

O necessário é que, subordinado, embora, à prática 'bancária', o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o 'imuniza' contra o poder apassivador do 'bancarismo'. Nesse caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar.

Os momentos proporcionados pela Casa Warat foram/são de entrega ao novo e de descoberta da sensibilidade, de forma que o próprio espaço acadêmico se transformou para aqueles que se abriram e se permitiram. A sensibilidade possibilita essa transformação, e traz a liberdade do falar, do pensar e do agir diante de situações e diante do outro, que exigem tal atitude, tal palavra, tal olhar, não se preocupando com leis estabelecidas (SANTIN, 1997).

### 3.2. UM OLHAR VOLTADO PARA A CRIATIVIDADE E SENSIBILIDADE

Partindo do pressuposto da importância da criatividade e da sensibilidade na educação, faz-se necessário analisarmos se/como a Casa Warat contribui nesse sentido. Para isso, é preciso voltar às experiências relatadas no segundo capítulo, aprofundando ainda mais em cada uma delas e percebendo de que forma instigaram esse sentir e agir criativo e sensível. Nas palavras do professor Silvino Santin, a sensibilidade é presença, é sentimento, é um estar-junto (1997) e na Casa Warat isso é proporcionado pela vivência única de cada frente do projeto. Nesse sentido:

A sensibilidade é livre. Ela acontece independentemente de preconceitos, de normas preestabelecidas. Sua manifestação não segue regulamentos e decálogos. Seu ponto de referência não são teorias ou conhecimentos anteriormente adquiridos. O ponto de referência da sensibilidade é o apelo que vem do momento vivido, é a exigência de uma situação ou a necessidade de um fato presente ou a provocação de um desafio repentino. (SANTIN, 1997, p. 14)

A possibilidade de sair do formalismo e da racionalidade que é exigida em sala de aula, por si só, já despertou desde o início do projeto uma curiosidade e um estranhamento na maioria das pessoas. Isso porque existe uma dificuldade tamanha em deixar de lado o senso comum e o lugar de conforto trazidos pelo direito, e, mais que isso, em pensar um projeto que critique e que queira mudar as normas preestabelecidas.

Nas primeiras reuniões de construção da Casa, já era visível o caráter transgressor trazido pela mesma, até porque a proposta do projeto não está

centrada no direito ou em normas, e muito menos em questões legislativas (ROCHA; FAZIO, 2011). A Casa Warat se propõe a trabalhar o sujeito e a subjetividade, e traz uma ideia de liberdade e de ruptura com o estabelecido, a partir do momento que nos faz pensar um ensino e prática do direito voltados para a sensibilidade e para o humano.

Já no primeiro sarau da Casa Warat, o sentimento de liberdade e a aproximação com o outro se fez presentes, e tudo se deu tão natural e intensamente que a entrega não poderia deixar de acontecer. O tema escolhido fez cada um(a) pensar no seu lado Cronópio e no seu lado Fama<sup>24</sup>, que se mostram constantemente dentro e fora de sala de aula, porém, ali o lado cronópio fora mais explorado, pois a criatividade e a sensibilidade falaram mais alto.

Adentrando nesse momento do primeiro sarau, percebe-se o quanto foi uma experiência inovadora e única, e o quanto a entrega e a liberdade fez com que cada um que ali estava experimentasse sentir, sem medos. Os saraus proporcionaram uma vivência que jamais poderia acontecer dentro de sala de aula, e para além disso, a criatividade fora explorada de forma especial. Quase todos que participaram produziram poemas e textos belíssimos sobre o momento, que se encontram no *blog* da Casa Warat Goiás.

Diante de experiências como os saraus, os sujeitos têm a possibilidade de adentrarem em um universo diferente daquele proporcionado pela academia, um universo cheio de arte e de liberdade. É possível, além de sentir a si próprio, sentir o outro e o que dele exala, e experimentar a sensibilidade em sua totalidade. Nas palavras do professor Silvino Santin (1997, p. 15 e 16):

A sensibilidade é presença. É estar-junto. É sentir e sentir-se com o outro. É tocar o outro. A mão que toca, que acaricia. A sensibilidade do tátil, o toque da mão, do abraço do beijo possuem uma energia poderosa de aproximação, de presença, de encontro, de comunhão.

E exatamente esse contato com o eu e com o outro foi algo tão explorado nos saraus, principalmente no primeiro, onde os abraços e o toque foram elementos principais, sendo possível se despir da distância que é trazida pelo direito. Além disso, a criatividade sempre se fez presente em forma de poemas, músicas, rostos

---

24 O tema escolhido foi Histórias de Cronópios e Famas, de Julio Cortázar.

pintados, teatros, e a cada sarau a preparação e a criação eram maiores, proporcionando um ambiente lúdico e repleto de arte.

A criatividade, dentro dos processos de ensino e de aprendizagem, é subestimada em um contexto de educação superior, que garante maior valor ao pensamento dito racional. Portanto, exercitá-la pressupõe um desafio constante (ALENCAR; FLEITH, 2010, p. 203). É nesse sentido que a Casa estabeleceu momentos de imersão anteriores aos saraus. Tratam-se de espaços construídos por alguns membros do grupo, anteriormente definidos, que ocupam a tarde anterior aos Saraus Mentas Livres, em que se recuperam as discussões realizadas até então através de diversas atividades e propostas. Pretende-se, partindo da ideia de que a criatividade se trata de uma presença, um estar-junto, incitar essa presença no momento de convergência que é o sarau.

Através de uma análise dos saraus realizados até o presente momento pode-se observar uma relação direta entre a intensidade dos momentos de imersão e as características assumidas por eles. Durante esses momentos, que antecedem o Mentas Livres, acontece debate acerca do tema escolhido, realizam-se dinâmicas, as pessoas se aproximam umas de outras, e se sentem mais à vontade. Dessa forma, garante-se assim uma liberdade de expressão e uma entrega maior no momento do sarau.

Entretanto, apenas a ocorrência desse momento de imersão não é o suficiente para que essa entrega aconteça, e para que o lúdico se faça presente. Observando-se as experiências anteriores, nota-se que se faz necessário também a presença de mais pessoas nesse momento, e que as dinâmicas por elas criadas sejam coletivas e inclusivas, para que agreguem aqueles que não estão em sintonia.

A respeito da necessidade de uma maior participação no momento de imersão, isso colabora para que as ideias do grupo estejam em harmonia. Em relação ao caráter coletivo das dinâmicas, este possibilita uma maior interação do grupo, e traz o lúdico e a carnavalização para o sarau, permitindo que este seja mais participativo.

A proposta do lúdico e da inclusão da arte no direito trazida pela Casa Warat, surge como uma tentativa de desconstruir esse ensino jurídico pautado no senso comum, repleto de formalismo e dogmatismo. Através de momentos como os

saraus, permite-se enxergar alternativas sensíveis e, além disso, transformar o espaço da academia e da prática em um espaço carnavalizado, voltado para a subjetividade e para o outro, que busca no operador do direito a compreensão, que se dará através da sensibilidade (WARAT, 1994).

Essa busca pelo lúdico e pelo resgate das discussões se faz extremamente necessária, uma vez que o Sarau é composto por debates e pela arte, que juntos propiciam um entendimento e sentimento maiores a respeito do tema. Os debates se fazem necessários, uma vez que é preciso compreender o assunto que está sendo ali trabalhando, para que a partir disso, se possa opinar e defender algumas ideias a respeito. A arte entra como uma inspiradora, em forma de poesias, de músicas e tudo aquilo que permite o grupo se expressar, possibilitando uma visão sensível sobre o tema.

Acontece que alguns saraus, principalmente os últimos, foram repletos de discussões e ideias, porém carentes do lúdico e da arte, o que não os tornou necessariamente ruins. Podemos pegar como exemplo o IX Mentis Livres, que teve primeiramente um tema complicado de ser tratado, qual seja a transexualidade, e a presença do diretor do documentário “Bombadeira – A dor da beleza”, Luis Carlos Alencar, que fora exibido, e que contribuiu muito para a reflexão acerca do assunto.

A respeito disso, nota-se que houve uma dificuldade do grupo para se expressar a respeito do tema, e mais ainda, de se expressar artisticamente. Mais que isso, o tema requeria um debate rico e intenso, e a presença do diretor do documentário proporcionou esse debate, uma vez que tinha mais esclarecimento sobre o assunto, e o grupo algumas indagações. Com isso, o Sarau caminhou como uma roda de discussão, e apesar da tentativa de algumas pessoas, o lúdico, a arte e a sensibilidade foram pouco explorados.

Ainda em relação aos momentos de imersão anteriores aos Saraus, e analisando o processo de construção e de realização dos mesmos, pode-se observar quatro “níveis” de imersão, determinados pelo período de duração do momento, e sua influência em cada um dos Saraus: a) preparação estrutural; b) período da tarde anterior ao Sarau; c) acampamento e pernoite; d) fim de semana de preparação.

Vale reforçar que, assim como cada sarau, os espaços anteriores de

estruturação e sintonização – denominados, aqui, como momentos de imersão – são únicos, e cada experiência tem características próprias. Entretanto, para fins pedagógicos e de análise, pode-se organizá-los dentro das categorias sugeridas, como forma de apresentação e observação do fenômeno pedagógico crítico dentro dos Mentos Livres.

### 3.3 OS MOMENTOS DE IMERSÃO E A POSSIBILIDADE DE RETOMADA DA CRIATIVIDADE

A decisão de chamar a primeira “categoria” de preparação estrutural não se deu atoa, e não se pretende com isso reduzi-la. Acontece que os saraus carecem da construção do espaço: a preparação das comidas e das bebidas, a escolha das músicas, a decoração temática, o cuidado com cada detalhe. E tudo isso se faz ainda mais necessário em espaços necessitam de uma estrutura artística, lúdica e colorida, por exemplo o Bar do Stênio, um bar simples da cidade, onde aconteceram dois Mentos Livres.

Toda essa preparação se faz necessária, dentro de um contexto de troca de experiências: da mesma forma que a Casa Warat se faz presente nos espaços, os espaços se fazem presentes na Casa, de forma que se busca estreitar cada vez mais a relação entre o Sarau Mentos Livres e a Cidade de Goiás. Essa troca permite ao espaço o ar intimista e lúdico que se busca para os Saraus, e dessa forma surge também a vontade de participar e de se entregar. Cada momento desse é parte da construção do Mentos Livres, cada esforço dispensado contribui para a imersão naquele mar de criatividade e cor que se pretendia que inundasse a Vila Boa.

Essa ideia da construção do espaço não é originária, se deu após a realização de alguns saraus, onde percebeu-se a necessidade de utilizar locais mais acessíveis. A Casa Warat, sendo um projeto de extensão e dotada de ideias Waratianas e Freirianas a que se propõe, necessitava reformular a questão do espaço dos saraus, e além da ideia de ser fora da Universidade, como fora desde o princípio, surgiu também a vontade de carnavalizar esses espaços mais acessíveis.

Todavia, apesar da importância da construção do espaço, o Sarau necessita de uma construção anterior também do indivíduo, que fará com que o momento seja

mais proveitoso e libertador. Alguns saraus tiveram apenas essa preparação estrutural, que trouxe uma certa motivação ao grupo, mas que, por não haver a construção individual e coletiva das pessoas, no momento do sarau houve a falta do lúdico e da expressão, que tanto se fazem importantes.

Em contrapartida, tiveram momentos de imersão que aconteceram no “período da tarde anterior ao Sarau”, onde buscava-se compreender e debater coletivamente o tema proposto, e explorar a criatividade. Esse momento tem fundamental importância, visto que a partir dele surgem criações e vontade de entrega, além de uma sintonia e confiança entre as pessoas, que é fundamental durante o sarau.

Vale lembrar que esse momento consegue despertar a criatividade do grupo, que a partir da temática, e resgatando os filmes e os debates anteriores, consegue construir dinâmicas, escrever poesias, frases, desenhos, para serem desenvolvidos e realizados no sarau. Além disso, pode-se dizer que o momento de imersão, acompanhado desse resgate de ideias, incita a criatividade, e é fundamental para desenvolver habilidades que não são exploradas em sala de aula. É um momento onde a Casa Warat e os indivíduos se constroem e reconstroem.

Em entrevista realizada com algumas pessoas que participaram das atividades realizadas no projeto, percebe-se a importância do resgate da criatividade e da liberdade do sentir. Quando questionadas a respeito das habilidades desenvolvidas pela Casa Warat, surgiram respostas no seguinte sentido:

[...] ao considerar a importância que a Casa Warat teve pra mim, sem dúvida, devo mencionar a confiança que adquiri em me expressar em público, de desenvolver atividades em grupos, do estímulo a minha criatividade, do incentivo ao gosto e à procura por leituras alternativas acerca do direito, não limitada somente às leis e doutrinas e da busca por uma atuação profissional com a aplicação de um Direito sensível [...]<sup>25</sup> (Resposta de Aline Gomes Alves)

Vivenciar a Casa Warat me permitiu um transbordar de sensibilidade. Permitiu-me consciência corporal e consciência humana. Permitiu-me mente livre, não aprisionamento e não acomodação. Permitiu-me inquietudes, mudanças e rupturas. Permitir-se, talvez tenha sido a grande habilidade desenvolvida.[...]<sup>26</sup> (Resposta de Thays Carvalho)

---

25 Trecho de entrevista realizada com a acadêmica de direito e integrante da Casa Warat Goiás Aline Gomes Alves. Para visualizar entrevista completa, cf anexo 1

26 Trecho de entrevista realizada com a acadêmica de direito e integrante da Casa Warat Goiás, Thays Carvalho Marques. Para visualizar entrevista completa, cf anexo 3

Pode-se perceber que a Casa Warat como um todo, influencia nessa busca pela criatividade e sensibilidade perdidas, através do contato com a arte e da possibilidade de liberdade. Mais do que isso, a Casa possibilita um exercício de crítica, desconstrução e reconstrução do Direito, através de diversas formas de produção artística, dentre elas o teatro.

Ao longo desse período de existência, a Casa Warat trouxe a possibilidade de se pensar o Direito de forma alternativa e transgressora, tirando a pessoas de seus lugares de conforto e introduzindo a crítica ao estabelecido. Dessa forma, surgiram algumas produções do grupo nesse sentido, e nutriu-se todo esse tempo um *blog*, onde tudo foi e continua sendo registrado. Entre essas produções, importante mencionar a criação de dois esquetes<sup>27</sup>, nesse sentido de crítica ao direito, que foram, além de escritos, representados em saraus e oficinas, além de um conto extraordinário, que foi lido e interpretado pelo autor.

Um dos esquetes foi o “dogmatisia aguda”, escrito por Paulo Dante Neto, citado abaixo:<sup>28</sup>

[Juiz 2] Livre de opiniões?! Imparcial?! Faz-me rir, faz-me rir! Não passa de apenas mais um que nega o poder pertencente ao judiciário. De mais um que macula o rol do Direito com seus discursos pomposos e que abusam de linguagem jurídica em momentos em que tal se faz desnecessária. Que aliena as massas e afasta-as do convívio jurídico, que age de acordo com preceitos políticos e posicionamentos sociais! Sim, meritíssimo, NÃO HÁ IMPARCIALIDADE! Julgador imaculado, sagrado, o salvador do Direito?! Falácias, falácias, falácias! Todas elas! Chega a ser engraçado, engraçado e triste, sim, triste! Um espetáculo de horror, imaginar que um ser humano pode se portar indiferente à suas próprias opiniões; na realidade, OCULTA suas opiniões atrás de um discurso, de preceitos jurídicos por ele escolhidos, como um autômato do judiciário, parte de uma produção em massa de infelizes que--

[Juiz 1] Cale-se...

[Juiz 2] INFELIZES que acreditam ser o Direito uma caixa de pandora, fechada, que jamais deve ser aberta. ABRA-A! EU DIGO! ABRA-A!

---

27 “Esquete é um termo em inglês muito utilizado para se referir a pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente cômicas, geralmente com menos de dez minutos de duração.” Descrição encontrada em <http://www.dicionarioinformal.com.br>.

28 Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2010/06/dogmatisia-aguda-texto-teatral-do.html>

[Juiz 1] Mande calar-se!

[Juiz 2] Não me calo! Jamais! Corte minha língua e com meu sangue escreverei o que penso! Lutarei até o fim contra a ABERRAÇÃO que é este tipo de jurista, de julgador!

[Juiz 1] CALADO! (Ataca Juiz 2 com um soco na barriga)

O outro, foi escrito por Aline Gomes Alves, intitulado “Apolo e Dionísio”.<sup>29</sup>

APOLO – Humanos? Mas estes são cheios de problemas.

DIONÍSIO – Sim, eu sei. Mas um especificamente me incomoda, e muito.

APOLO – Qual? Diga-me!

DIONÍSIO – O fato de viverem constantemente reprimidos, contidos em nome da boa imagem, do status, da postura impecável, quando na verdade não passa tudo de um grande teatro. Na frente do público apresenta-se exatamente da forma como se exige, como se espera, pois sabem que estão diante de uma plateia em constante crítica e avaliação.

APOLO – Mas, Dionísio, o ser humano é fraco, não aguenta pressões e nem críticas. A mudança é um dos seus maiores medos, por isso prezam tanto pela vida certa e estável, mesmo que seja pacata e sem graça. Não vê como o ser humano é uma criatura facilmente adaptável? Mesmo às situações mais difíceis e absurdas, como à violência, poluição, fome, desabrigo, vícios, corrupção, desigualdades. Enfim, sujeitam-se facilmente.

DIONÍSIO – Não, não Apolo. Você está analisando apenas o que eles lhe apresentam no “palco”, vamos assim dizer. Mas por trás das “cortinas”, já pensou tudo o que se passa por lá? Os conflitos, a tensão, o desequilíbrio, a troca constante e indecisa de “personagens”, a frustração, a dúvida, as verdadeiras vontades, os desejos, os pensamentos e sentimentos contidos. É lá que o ser humano se revela, onde não há ninguém para julgá-lo.

APOLO – Mas no fim, sujeitam-se às exigências sociais, à lei do mais forte.

DIONÍSIO – Sim, tenho consciência que a maioria cede a isso, por meras questões de aparência e status. Não entendo como podem se sujeitar de tal forma a abrir mão das suas reais vontades e até mesmo princípios. Mas há os distintos, e são neles que temos que confiar. São eles que sustentam as nossas esperanças e nos dão forças, pois acima das próprias leis, sejam elas humanas ou dividas, eles baseiam-se no preceito essencial de justiça.

Por fim, segue um trecho do conto “A besta quadrada”, escrito por Pedro Gustavo Sousa Lopes.<sup>30</sup>

Após alguns dias a polícia conseguiu prender o responsável pelo

<sup>29</sup> Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2013/12/apolo-e-dionisio.html>

<sup>30</sup> Disponível em: <http://casawaratgoias.blogspot.com.br/2013/12/a-besta-quadrada.html>

crime contra a família do antigo Johnny. Mas isso só serviu para juntar todas as vítimas da Besta em um só local. Digo todas as vítimas, pois como vocês verão, não era apenas uma. A Besta julgou responsável pela morte da família de Johnny tanto o assassino como os policiais que bebiam no bar e não cumpriam com o dever. Quem sabe se eles estivessem alerta não poderiam impedir aquele crime.

A Besta Quadrada planejou tudo nos mínimos detalhes. Esperou um dia onde apenas os dois policiais estariam de plantão na delegacia, já que era uma cidade pequena e não havia muitos agentes ali, e como um fantasma que surge do além a Besta apareceu bem na frente dos dois policiais. Aqueles dois mal viram o que os atingiram. De um lado o facão, ainda sujo de sangue dos filhos de Johnny, atravessando o coração de Rezende, e do outro lado um saca-rolha, bem no meio da testa de Fábio. Depois a Besta Quadrada pegou uma garrafa de Rustoff, jogou toda a vodka sobre os corpos sem vida dos dois policiais e ateou fogo.

A partir disso, é possível observar a contribuição da Casa Warat e dos momentos proporcionados pela mesma na formação do sujeito enquanto ser pensante, que compreende as falhas do direito e procura meios para saná-las. É certo que o projeto trouxe a inquietação necessária para se abandonar o lugar de conforto, e buscar a criatividade e a sensibilidade que tanto contribuem para o processo de formação e para a prática dos juristas. Como abordado nas entrevistas e demonstrados através de textos do grupo, a Casa conseguiu instigar um lado do aluno que não é explorado em sala de aula, esse lado da expressão corporal e verbal.

A interpretação teatral funciona também como forma de sátira, apontando contradições e absurdos na estrutura monofônica do direito, como o formalismo excessivo, e o culto ao dogmatismo (WARAT, 2000). Dessa forma, observa-se que o caráter crítico explorado pela Casa conseguiu evidenciar esses problemas estruturais, e instigar no grupo essa vontade de expor e trabalhar essa questão.

No que diz respeito aos níveis de intensidade dos momentos de imersão anteriormente definidos, cabe falar a respeito do Retiro Filosófico, onde houve acampamento e pernoite. A experiência de reunir as pessoas em um mesmo lugar, sem preocupações com horário ou outros compromissos, fez com que a entrega acontecesse, e proporcionou uma maior integração do grupo PET. Mais pessoas se aproximaram da Casa, e o momento ali construído, a imersão contínua, contribuiu para que as pessoas que não faziam parte ainda do grupo se despissem de preconceitos, e contribuíssem na construção de um espaço livre, carnavalesado.

Esse momento incitou um sentimento comum nas pessoas que ali estavam, e o sarau realizado naquela noite proporcionou a cada um saciar sua fome de abraços, e mais que isso, proporcionou o toque e o estar-junto. A sintonia foi tamanha, e o sarau se estendeu madrugada adentro, com violão, fogueira e cantoria. Mais que isso, a celebração do amor e do contato com o outro, que é o que faz a mudança acontecer, uma vez que relacionamentos sensíveis criam ambientes e práticas sensíveis. (WARAT, 2010)

Partindo dessa ideia, impossível deixar de mencionar aqui o III Encontro Internacional da Casa Warat, que aconteceu em um final de semana na Cidade de Goiás, no ano de 2011, e que se tornou um momento de imersão riquíssimo. Pessoas de diversos lugares e núcleos da Casa Warat se reuniram com o intuito de discutir as ideias Waratianas, e a partir disso, pensar e repensar a Casa Warat como espaço de construção do indivíduo e de reformulação do ensino jurídico, através da troca de experiências e de saberes, e de um balanço do projeto.

Além de pessoas que participavam das atividades e que construíam a Casa Warat, se fizeram presentes também no Encontro pessoas que ainda não conheciam e que participavam pela primeira vez de um espaço como aquele. Inclusive, algumas dessas pessoas não cursavam o curso de direito, mas de alguma forma se permitiram sentir, se deixaram invadir pela sensibilidade dos momentos, e foram especialmente tocadas. Abaixo um trecho do texto escrito por Myla Alves, na época estudante de jornalismo, que ilustra esse sentimento:

Fazer parte do encontro da Casa Warat me proporcionou outra perspectiva de vida. Mesmo conhecendo tão pouco o universo waratiano eu me encantei. Me encantei por ele estar tão vivo em Buenos Aires, em São Paulo, na Cidade de Goiás, em Brasília, na Bahia, no sul do país e em cada uma dessas pessoas. Me encantei pelo jeito waratiano de ver e sentir o Direito e o mundo. Jeito esse que me incentiva agora a buscar um Jornalismo melhor, mais humano e sensível, diferente do sensacionalismo hoje existente.

A partir destas palavras, percebe-se a importância da Casa Warat e da sensibilização para além do direito. É possível e necessário humanizar e sensibilizar os futuros profissionais que atuarão em diversas áreas, e assim buscar relações de respeito e de compreensão com o outro. A busca por essa interdisciplinariedade

acontece de forma concreta dentro da Casa, visto que o projeto é parte do PET/CCG, um PET interdisciplinar, que leva as discussões e o lúdico também para outros cursos.

Cabe ressaltar que o III Encontro Internacional da Casa Warat fora especialmente lúdico e repleto de momentos que possibilitaram um encontro com o eu e com o outro. Reuniões que impulsionaram e deram sentido a cada ideia, dinâmicas que trabalharam o corpo, a mente, a sensibilidade e a criatividade dos indivíduos, produções artísticas e momentos intensos onde todos se permitiram ao prazer da liberdade.

A sintonia foi tamanha que o Sarau não pressupôs um momento de estruturação logística anterior: as pessoas, em sintonia, simplesmente foram, e o resultado foi o espaço mais lúdico e carnalizado já realizado até o momento. Houve, além da participação dos presentes, a participação indireta de pessoas que não puderam estar ali que, através de mensagens de texto e virtuais, se fizeram presentes, e puderam também externalizar e compartilhar sua sina<sup>31</sup>, através de poemas, textos ou frases.

É possível enxergar a importância desses momentos de troca e de reflexão coletiva da Casa, que são os momentos de imersão, os debates e saraus, que possibilitam o desenvolvimento de certas habilidades: liberdade e criatividade para se expressar artisticamente; confiança para falar em público; estabelecer uma interpretação crítica e criativa do direito; possibilidade de compreensão do outro enquanto sujeito...

Porém, sem prejuízo desse reconhecimento, é importante ressaltar algumas das limitações observadas e vivenciadas pelo grupo. Não significa dizer que a Casa não cumpriu com o objetivo de proporcionar uma visão e crítica e alternativa do direito, e sim que como todo processo contínuo, é necessário uma auto-reflexão e reconstrução dos espaços com base nas experiências vivenciadas.

---

31 O tema do Sarau realizado no III Encontro Internacional foi "Waratiano, qual a sua sina?". Tema que teve sua origem na obra "Morte e Vida Severina", de João Cabral de Melo Neto.

### 3.4 LIMITES: OS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELA CASA WARAT GOIÁS

Mesmo percebendo a importância dos momentos de imersão, já explanados anteriormente, pode-se dizer que houve certa dificuldade em garantir esses espaços, o que refletiu em alguns saraus deficientes da arte e do lúdico. Não digo que foram espaços não proveitosos, porém, como já dito durante esse capítulo, foram espaços que fugiram à proposta trazida pelo Mentis Livres, qual seja, de conjugar a arte, o lúdico e a racionalidade, possibilitando assim o que podemos chamar de uma racionalidade poética.

Outro fator limitante e visto por todos do grupo como prejudicial foi a dificuldade em agregar um maior número de pessoas às atividades da Casa, o que afetou o andamento e a continuidade do projeto. Nas palavras do entrevistado Paulo Dante Neto, quando indagado a respeito dos pontos negativos enxergados no projeto:

Nos faltou maturidade para evitar que o projeto se perdesse no tempo. Dentro do processo contínuo que é a Casa, acredito que vacilamos no caráter "molecular" das vibrações proporcionadas pelo projeto, e tivemos dificuldade em levá-lo pra além de determinados grupos e espaços. Não falo, obviamente, de um fracasso completo: nesses quatro anos, nós todos vimos e vivenciamos pessoas sendo tocadas pela proposta pedagógica construída na Casa, e a insurgência de novos grupos de loucos país afora. Porém, estabelecendo um recorte local, continuo crente que deixamos a desejar nesse aspecto.<sup>32</sup>

Talvez, parte dessa dificuldade tenha se dado pelo fato de o grupo e das propostas da Casa Warat não terem sido muitas vezes compreendidos, gerando assim um "susto" e um preconceito por parte de muitos estudantes do campus. Esse caráter transgressor e alternativo do projeto não agrada todas as perspectivas, principalmente as tradicionais, fazendo com que apenas algumas pessoas se aproximem e se identifiquem com o projeto.

Um outro problema enfrentado pelo grupo, foi o afastamento do professor responsável pelo projeto, por conta de um compromisso com o processo de doutoramento. Mesmo a Casa possuindo esse caráter de autonomia estudantil e

<sup>32</sup> Trecho de entrevista realizada com o acadêmico de direito e integrante da Casa Warat Goiás Paulo Dante Neto. Para visualizar entrevista completa, cf anexo x

prezando por essa horizontalidade entre professor e aluno<sup>33</sup>, houve uma dificuldade para dar continuidade ao projeto de forma independente, sem a presença e a orientação do professor, em especial pela sua experiência com o pensamento waratiano.

Partindo dessa análise das experiências, do recorte teórico e das possibilidades e limitações, pode-se perceber o caráter crítico e alternativo da pedagogia proposta pela Casa Warat. Faz-se importante reconhecer os pontos positivos e negativos expostos durante a pesquisa, e realizar sua contraposição, para que assim seja possível compreender se/como o projeto responde aos questionamentos apresentados no início do trabalho. É com base nisso que se constitui a conclusão a seguir.

---

33 Para Freire, professor e aluno devem ter uma relação de horizontalidade, já que “ensinar inexiste sem aprender, e vice-versa.” (FREIRE, 1996, p. 26)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises feitas durante o trabalho, e da vivência demonstrada pelo projeto, cabem aqui algumas considerações. Primeiro, preciso dizer que a Casa Warat Goiás foi uma experiência para além da Universidade, uma experiência que despertou a arte e sensibilidade aos que permitiram se abrir, e mais que isso, que se permitiram sair do lugar de conforto e comodismo que é o ensino do direito e o senso comum teórico.

Desde 2010 – ano de início do projeto – a Casa permite, através da arte, uma desconstrução diária de ideias e atitudes, do ensino e da prática e do modo como me enxergo e enxergo o outro. Nas palavras de Marta Gama (2010, p. 17):

A experimentação artística funciona como um instigante meio de provocação do aluno para que tome contato com o seu corpo sensível, um verdadeiro estímulo à percepção do humano que habita em si e no outro, libertando esses “corpos” dos ditames de um modelo de ensino explicativo, castrador de iniciativas de libertação das inteligências. Essa experiência com o sensível, com o poético, pode ser percebida como abertura de espaço para novas formas de compreender o direito e sua realização.

A partir desse contato com a arte, os sentidos são explorados, a criatividade é retomada, e o pensamento crítico é construído. Momentos vivenciados pela Casa e essa exploração dos sentidos e da criatividade são o tipo de coisa que não se dão somente com a experiência de sala de aula. Se faz necessário a saída do espaço da Universidade, o contato com o outro – que muitas vezes está ao lado, mas não o enxergamos – e a tentativa de compreensão desse espaço e das pessoas que o ocupam.

Nesse momento, encerro não só um curso de direito, mas também um ciclo e um amontoado de sensações e de momentos, que são necessários ser abandonados para abrir espaço aos que virão. E posso dizer que esse encerramento não seria um momento tão cheio de reflexão e de crítica, se não fosse a vivência proporcionada pela Casa Warat Goiás, através de debates enriquecedores, saraus cheios de sentimento e arte.

Hoje saio da faculdade de direito, e não me enxergo apenas como mais uma.

Enxergo-me como uma pessoa que adquiriu, além de conhecimentos técnicos, um conhecimento sensível e crítico, que possibilitam um pensamento autônomo, e uma construção interior ainda cheia de questionamentos e dúvidas, que pretendo que sejam incessantes, e que um dia me conduzam à emancipação. Enxergo-me como indivíduo dotado de particularidades, e assim posso perceber no outro também essa característica, e reconhecer sua subjetividade a partir disso.

A Casa Warat possibilitou em mim esse processo de autoconhecimento e conseguiu fazer com que eu buscasse, lá dentro, minha autonomia e minha capacidade de criar o novo, e criticar e repensar atitudes e modelos estabelecidos. E tenho certeza de que todas as pessoas que se permitiram esse contato mais profundo consigo, também adquiriram essa vontade de se reconstruir como sujeito poético e sensível, e a vontade de se buscar uma alteridade, de se reconhecer no outro, para assim compreendê-lo.

Considerando que alteridade significa reconhecer o outro como igual, colocar-se no seu lugar na relação interpessoal, com valorização, consideração, identificação, e diálogo. [...] A relação de alteridade torna-se lugar originário da construção do sentido. Na relação com o outro, efetiva-se a possibilidade de verdadeira convivência dar-se sem padecer os horrores da violência do modo de pensar entificante e totalizador. A alteridade é a visão e a inclusão do outro. (GONÇALVES, 2010, p. 01)

Como abordado no terceiro capítulo do presente trabalho, a Casa Warat proporcionou uma sintonia e o reconhecimento do eu no outro. Proporcionou, além de momentos individuais de inquietações, críticas e produção artística, momentos coletivos de grande aprendizado e sensibilidade, onde foi possível enxergar – mais do que ver – e sentir o outro e suas inquietações e angústias. Foi possível reconhecer as subjetividades, e se pensar uma pedagogia voltada para o sujeito, que agregue tudo aquilo que o constitui, inclusive seus sentidos e desejos.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano; FLEITH, Denise de Souza. Criatividade na educação superior: Fatores inibidores. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 2, p. 201-206, jul. 2010

ALVES, Aline Gomes. A experiência da Casa Warat Goiás. Nota: entrevista concedida à Nádia Alves Pinheiro.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Vidas Desperdiçadas. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARVALHO, Amilton Bueno de. O (im)possível julgar penal. Disponível em: [http://www.tjrs.jus.br/export/poder\\_judiciario/tribunal\\_de\\_justica/centro\\_de\\_estudos/doutrina/doc/o\\_ximxpossivel\\_julgar\\_penal.doc](http://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/tribunal_de_justica/centro_de_estudos/doutrina/doc/o_ximxpossivel_julgar_penal.doc) . Acesso em 23 de outubro de 2013.

DANTE NETO, Paulo José de Lara. A experiência da Casa Warat Goiás. Nota: entrevista concedida à Nádia Alves Pinheiro.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987; do original em francês: Surveiller et punir.

GONÇALVES, Marta Regina Gama. Direito e Arte: corporeidade, novas poéticas para o Direito. Entrelugares: Revista de sociopoética e abordagens afins. Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em Educação. - vol. 2, nº 1 (setembro 2009/fevereiro 2010) - Ceará: UFC.

GONÇALVES, Marta Regina Gama. Surrealismo Jurídico: a invenção do Cabaret Macunaíma - uma concepção emancipatória do Direito. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

LYRA FILHO, Roberto. O Direito que se ensina errado. Brasília: CADIR UnB, 1980.

MARQUES, Thays Carvalho. A experiência da Casa Warat Goiás. Nota: entrevista concedida à Nádia Alves Pinheiro.

MARTINEZ, Albertina Mitjáns. A criatividade na escola: três direções de trabalho. Linhas Críticas, Brasília, v.8, n.15, p. 189-206, jul./dez. 2002.

MAY, Rollo. A Coragem de criar; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MONDARDO, Dilsa. 20 Anos Rebeldes: o Direito à luz da proposta filosófico-pedagógica de L. A. Warat.

RESTREPO, Luis Carlos. O direito à ternura. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. 110 p.

ROCHA, Eduardo Gonçalves; FAZIO, Marcia Cristina Puydinger. Direito pela arte: O movimento Casa Warat. Revista Direito e Sensibilidade. Universidade de Brasília, Faculdade de Direito. – vol. 1, nº 1 (2011) - Brasília, DF: UnB.

SANTIN, Silvano. Educação e Sensibilidade. Santa Maria, 1997. Disponível em: [http://labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educa%C3%A7ao\\_e\\_Sensibilidade.pdf](http://labomidia.ufsc.br/Santin/Filosofia/Educa%C3%A7ao_e_Sensibilidade.pdf)

WARAT, Luis Alberto. Mitos e Teorias na Interpretação da lei. Porto Alegre-RS: Editora Síntese LTDA., 1979.

WARAT, Luis Alberto. Introdução Geral ao Direito vol. 1. Interpretação da lei: temas

para uma reformulação. Porto Alegre: Sergio Antônio Fabris Editor, 1994.

WARAT, Luis Alberto. A ciência jurídica e seus dois maridos. In: W, L. (i) Territórios Desconhecidos: a procura surrealista pelos lugares do abandono do sentido e da reconstrução da subjetividade. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004. p. 61-186.

WARAT, Luis Alberto. Direito, sujeito e subjetividade: para uma cartografia das ilusões. *Captura Críptica*. Florianópolis, v.2, n.2, p. 40, jan./jun. 2010. Nota: entrevista concedida a Eduardo Gonçalves Rocha e Marta Regina Gama Gonçalves.

## **Anexo 1**

Entrevista: A experiência da Casa Warat Goiás

Entrevistada: Aline Gomes Alves

### **1. Quando ingressou na Casa?**

Fiz parte da Casa Warat desde o seu início, desde o momento de discussão acerca da sua formação e construção. Apesar de tímida na época, as propostas me despertaram o interesse em participar, onde acabei tomando a frente do Sarau, junto à Nádia.

### **2. Por meio dela teve acesso a leituras e autores que não tinha anteriormente?**

Sim, tivemos acesso principalmente às obras sensíveis do Warat e outras obras bem diversas de poetas e filósofos críticos, como por exemplo, Cora Coralina, Eduardo Galeano, Franz Kafka, vale destacar também o conhecimento que passamos a ter sobre o trabalho do juiz Gerivaldo Neiva, com suas sentenças a provarem a possibilidade da aplicação de um Direito mais humano. Nesse sentido, não posso deixar de considerar aqui também a contribuição reflexiva provocada pelos filmes trabalhados no Cinefelia, dentre eles devo destacar especialmente, os filmes “Somos todos diferentes”, “Clube da Luta”, “Distrito 9” e “A invenção da mentira” – realmente poderia numerar aqui vários. E por fim, porém não menos importante, considero também as obras produzidas pelos meus próprios colegas, que assim como eu, inspirados por um momento que seja, se descobriu autor/poeta, com especial destaque: Rafael Ribeiro (que por gosto, um grande poeta já é!), Eduardo Gonçalves, Jordana Ribeiro e Nádia Pinheiro – que há muito tempo já eram poetas de alma.

### **3. Acredita que a passagem na casa modificou sua formação? De que forma?**

Com certeza, a Casa Warat através de seus diversos projetos e encontros, seja por meio do Cinefelia, da Carnavália ou do Sarau, me proporcionou a possibilidade de sensibilização do curso (enrijecido por tantas leis e códigos) e de mim mesma, a busca de sentido dos meus estudos e da atuação profissional ética e humana que me proponho, garantiu uma forma de socialização com a universidade para além da sala de aula e, vou mais além, tais atividades foram inclusive responsáveis pelo meu processo de autoconhecimento, fundamental para a minha compreensão e atuação

como pessoa frente a minha vivência universitária e frente a própria sociedade.

#### **4. Dos projetos ligados à casa, qual você acredita que teve maior importância pra você? Por que?**

Considero que cada projeto, com a suas próprias especificidades, tiveram pra mim a sua devida importância, pois cada qual com as suas propostas e seus métodos eram voltados para um intuito específico, seja o Cinefelia por meio dos filmes, a Carnália que usava dos textos ou o Sarau através dos encontros – todos eles têm o seu objetivo e sua graça. Contudo, não posso deixar de destacar aqui a preferência que tinha pelos Saraus, até mesmo pelo fato de ter sido, por um tempo, coordenadora do projeto e vez que, era um momento prazeroso de socialização e de maior possibilidades de expressão (através de poemas, performances, teatro) lembrando que de certa forma, nos Saraus reunia todos os trabalhos até então realizados, o que demonstra aqui o caráter de complementaridade entre si.

#### **5. Que habilidades foram desenvolvidas com a vivência da Casa Warat Goiás?**

Não sei se posso denominar exatamente como habilidades, mas ao considerar a importância que a Casa Warat teve pra mim, sem dúvida, devo mencionar a confiança que adquiri em me expressar em público, de desenvolver atividades em grupos, do estímulo a minha criatividade, do incentivo ao gosto e à procura por leituras alternativas acerca do direito, não limitada somente às leis e doutrinas e da busca por uma atuação profissional com a aplicação de um Direito sensível, acima de tudo, às questões e aos conflitos humanos em desconstrução do pensamento jurídico hoje dominante e em oposição à visão elitista e mercadológica criada em torno do Direito.

#### **6. Qual o ponto negativo você observou no projeto?**

Como todo projeto passível de melhoras e sujeito a críticas construtivas, a Casa Warat assim também o é, principalmente dado o fato que participei desde a sua construção aqui no Campus da Cidade de Goiás e acompanhei o seu crescimento e o seu aperfeiçoamento para o objetivo o qual se propôs, dentre os pontos que destaco e considero que ainda devem ser observados, é a questão da publicização dos projetos dentro do próprio espaço acadêmico no intuito de manter a dinâmica das atividades e garantir a sua continuidade bem como a frequência regular na realização dos projetos em prol da consolidação da identidade da Casa Warat.

## **Anexo 2**

Entrevista: A experiência da Casa Warat Goiás

Entrevistado: Paulo José de Lara Dante Neto

### **1. Quando ingressou na Casa Warat Goiás?**

Na realidade, quando a Casa Warat Goiás se estruturou, eu estava lá. Não estava na primeira reunião informal, que foi no Morro do Macaco Molhado, onde o Eduardo e seu chapéu côco convidou algumas pessoas pra ouvir sobre o Warat, mas na primeira reunião formal eu estava. Fui levado pela Nádia, que recém havia me conquistado, e quando a gente fez aquela primeira reunião tinham várias pessoas. Eu até fiquei responsável por uma das frentes, o Cinefilia. Significa então que eu estou na Casa Warat desde o começo, desde 2010, início de 2010, comecinho do primeiro semestre.

### **2. Por meio dela teve acesso à leituras e autores que não tinha anteriormente?**

Com certeza. É difícil, porque eu entrei na casa em 2010, quando estava no 3º período do curso, segundo ano. Meu primeiro ano não vou dizer que foi desperdiçado, mas não teve muita leitura. E a Casa, na realidade, ela serviu não só no sentido de apresentar novas leituras, que eu dificilmente teria, não fosse a Casa, mas ela de fato me apresentou AS leituras. Meu interesse acadêmico, nas leituras, e meu interesse no direito no geral, eu posso dizer, com toda tranquilidade, que ele foi um fruto do que foi a construção da Casa Warat Goiás. E algumas das leituras, todas muito interessantes, mas algumas marcam e a gente trás até hoje. O Baumam, ele está sempre presente nas nossas discussões, o Warat, sem dúvida. Então sim, trouxe algumas leituras, trouxe alguns autores que dificilmente eu teria acesso ao longo desses cinco anos de curso, se não fosse pela Casa.

### **3. Acredita que a passagem na casa modificou sua formação? De que forma?**

Eita porra! Cara, sim. Disso eu não tenho dúvida nenhuma, e acho que parte dessa questão foi respondida na anterior. Eu estava recém ingresso no curso, então difícil dizer que no primeiro ano eu ainda não tinha me encontrado no curso de direito e talvez não cabe falar isso, mas eu consegui entender o direito de uma forma diferente do que eu imaginava que ele era, de uma forma que me agradou através da Casa. Através da proposta que a gente se fez ali desde o início, uma perspectiva

de carnavalizar esse espaço, institucional e não, mas enfim, a área institucional do direito, essa parte institucionalizada, essa parte pinguinizada, pra usar um termo daquele que nos agracia em todo EGED. Então sim, de que forma? De várias. De entender o direito sob uma nova lógica, de entender possibilidades de construção e reconstrução desse direito e de entender - Acho que o mais importante de tudo, pra quem pensa no direito - de entender o papel desse carnaval, o papel do lúdico, o papel da arte, em todo momento, mas em especial o curso que se procura, ou enfim, que se reproduz engessado como é o nosso, uma área que se reproduz engessada como é a nossa. Eu: Então você pode dizer que mudou sua perspectiva do curso? Paulo: Mudou minha perspectiva não só do curso, não só do que seria o curso, mas no geral, do direito no geral. Eu era muito novo quando eu ingresso, lógico, então eu tinha uma noção de senso comum, do que seria o direito. E através da Casa eu consegui desconstruir essa visão, e reconstruir uma perspectiva que eu entendo que é uma perspectiva crítica, uma perspectiva libertadora, e por que não, uma perspectiva até emancipatória, do que o direito possa vir a ser.

#### **4. Dos projetos ligados à casa, qual você acredita que teve maior importância pra você? Por que?**

A Nádia tá esperando uma resposta, mas eu vou dar uma diferente. Eu fui, na primeira questão, eu fui junto do Caymmi, mas ele abriu mão antes de participar de fato. Então eu encabecei a frente de cinema da Casa, eu lembro até hoje, chamava Cinefilia: uma abordagem cinematográfica da contemporaneidade sócio-política. Ingressando no curso, queria falar bonito, então esse foi o nome que encontramos pro Cinefilia. De várias formas o Cinefilia foi muito importante pra mim, na realidade, eu quis participar da Casa, única e exclusivamente, quando foi falado do Cinefilia, porque eu pensei que fosse uma possibilidade de discutir um filme que eu gosto muito que era o Clube da Luta, com outras pessoas. E a partir daí eu acabei caindo nessa armadilha louca, que é o Warat na nossa vida. Então o Cinefilia foi muito importante nesse sentido. Pra cuidar de um projeto, uma perspectiva de liderança (que é uma noção extremamente liberal, né?). Mas uma perspectiva de estar a frente de algo, de estar tocando alguma coisa. Tinha que fazer as chamadas, e estava sempre preocupado em dar gente, em dar discussão, pensar e repensar o horário. Foi uma experiência muito louca, desse ponto de vista. Do ponto de vista de

conseguir tocar alguma coisa, de estar à frente de alguma coisa. Então do ponto de vista pessoal foi muito importante.

Mas, eu tenho que falar de dois, eu não posso falar só de um dos projetos. E acho que esse aqui vai ser uma constante nas falas de todo mundo, que é o Sarau. Justamente porque o Sarau ele é um momento em que tudo converge. Todas as outras frentes convergiam, elas caminhavam de forma que elas se cruzavam, né, o momento de intersecção delas todas sempre foi o Sarau. E pra mim foi espetacular. Apesar de nunca ter essa dificuldade de me manifestar em público, de fazer uma fala, eu tinha dificuldade de fazer isso aí desse ponto de vista lúdico, que eram as propostas dos Saraus. Então pra mim foi muito interessante criar um personagem novo a cada Sarau, nos primeiros Saraus principalmente. Tem aí no segundo, que eu fiz uma leitura de um disco que eu gosto muito, que é um disco conceitual, conta uma história. Então assim, essa apresentação, essa fala mais lúdica, essa questão do contato com a arte, de você fazer uma apresentação (não é aquele negócio sério) me tirava um pouco da minha zona de conforto. Até hoje tira, mas eu acho que isso é importante, porque se lá atrás eu falei do carnaval enquanto fundamental na nossa área, eu não posso só falar e não pôr em prática, né? Então eu acho que o Sarau, dessa perspectiva, foi muito importante pra mim, de conseguir trabalhar a parte teórica, o que a gente trazia das outras frentes, junto do carnaval. Eu: Você chegou a escrever um esquete, né? Paulo: Escrevi um chamado Dogmatisia Aguda. Que a gente apresentou num Sarau, e depois numa oficina. Uma experiência muito doido, exatamente isso. Eu nunca imaginei que ao longo de um projeto da Universidade, um trabalho, uma criação minha ia ser apresentada na forma de um teatro, e eu devidamente pinguinizado porque meu personagem era o que sofria da "dogmatisia aguda". Então assim, muito louco, saber que eu ia lá pra frente e ao invés de estar de calça social, camisa e gravata, eu estava maquiado, com a cara pintada e fazendo graça, e batendo com o vade mecum na amiga. Então enfim, foi muito doido. Desse ponto de vista o Sarau foi importante. Então tenho que elencar, resumindo, né, eu falo bastante: o Cinefilia, que me ajudou a ter uma noção dessa parte um pouco mais prática, dessa parte um pouco mais procedimental, de conseguir lidar com pessoas, de tocar um projeto; e, sem dúvidas, o Sarau, que me impediu de calçar meus sapatos e roupas de pinguim até agora, toda vez que eu vou

falar, enfim, que eu sou convidado a me manifestar.

##### **5. Que habilidades foram desenvolvidas com a vivência da Casa Warat Goiás?**

Antes de qualquer coisa, é bom ressaltar que não acredito que a Casa tenha, com exclusividade, promovido alguma habilidade pessoal ou algo do gênero. Ela se configurou em um importante processo, no meio de tantos outros, na minha constante (re) construção subjetiva e acadêmica.

Estabelecer, pontualmente, alguma habilidade, seria limitar a Casa que, pra mim, é uma proposta contínua e ilimitada, na sua essência carnavalizadora e sensível. Porém, seria incoerência não reconhecer que, sem a Casa Warat, eu dificilmente teria insistido no curso de Direito.

A possibilidade de pensar um Direito sensível e polifônico não é uma exclusividade da Casa, mas foram as relações estabelecidas nela que me permitiram chegar ao último período do curso transbordando de um ânimo transformador e poético para o direito.

##### **6. Qual o ponto negativo você observou no projeto?**

Nos faltou maturidade para evitar que o projeto se perdesse no tempo. Dentro do processo contínuo que é a Casa, acredito que vacilamos no caráter "molecular" das vibrações proporcionadas pelo projeto, e tivemos dificuldade em levá-lo pra além de determinados grupos e espaços. Não falo, obviamente, de um fracasso completo: nesses quatro anos, nós todos vimos e vivenciamos pessoas sendo tocadas pela proposta pedagógica construída na Casa, e a insurgência de novos grupos de loucos país afora. Porém, estabelecendo um recorte local, continuo crente que deixamos a desejar nesse aspecto.

### **Anexo 3**

Entrevista: A experiência da Casa Warat Goiás

Entrevistada: Thays Carvalho Marques

#### **1. Quando ingressou na Casa?**

Ingressei em 2009, no 1º ano da faculdade de direito.

#### **2. Por meio dela teve acesso a leituras e autores que não tinha?**

Com toda a certeza. Tivemos a oportunidade de ler e discutir obras do Bauman, Saramago, Foucault e claro do ilustre Warat que dá nome a Casa, dentre outros.

#### **3. Acredita que a passagem na casa modificou sua formação? De que forma?**

Acredito sim. Tanto modificações na formação pessoal, bem como na formação acadêmica, na medida em que permitiu um amadurecimento, uma visão de mundo mais humana e sensível, uma base teórica mais sedimentada e um senso crítico mais aguçado e perspicaz.

#### **4. Dos projetos ligados à casa, qual você acredita que teve maior importância pra você? Por que?**

Escolher um dentre os projetos seria uma injustiça de minha parte, pois cada um a sua maneira foi importante, e pelo fato de dialogarem entre si, não faria sentido, por exemplo, preterir os Saraus ao Cabaré Intelectual ou ao Cinefilia, já que não seria possível carnavalizar as ideias, sem antes munir-se delas, através das leituras e das discussões dos filmes. Desse modo, todos os projetos da Casa foram de fundamental importância para a minha formação pessoal e acadêmica, como já dito.

#### **5. Que habilidades foram desenvolvidas com a vivência da Casa Warat Goiás?**

Vivenciar a Casa Warat me permitiu um transbordar de sensibilidade. Permitiu-me consciência corporal e consciência humana. Permitiu-me mente livre, não aprisionamento e não acomodação. Permitiu-me inquietudes, mudanças e rupturas. Permitir-se, talvez tenha sido a grande habilidade desenvolvida. Se me permite, permita-se.

#### **6. Qual o ponto negativo você observou no projeto?**

Não sei se seria um ponto negativo do projeto em si, mas por vezes nós waratianos fomos/somos mal compreendidos. Ainda existe certa resistência injustificada, quanto ao propósito das boas ideias que a Casa tem colocado em prática.